

MÁRCIA VALÉRIA TELLES CARVALHO

**LINGUAGEM, ENUNCIÇÃO E ALTERIDADE: UM ESTUDO DE CASO SOBRE
A RELAÇÃO DIALÓGICA ENTRE UM GRUPO DE OUVINTES IDOSOS E OS
COMUNICADORES DE RÁDIO AM DA GRANDE FLORIANÓPOLIS**

Dissertação apresentada ao Curso de
Mestrado em Ciências da Linguagem como
requisito parcial à obtenção do grau de
Mestre em Ciências da Linguagem.

Universidade do Sul de Santa Catarina.

Orientadora: Prof. Dra. Dulce Márcia Cruz.

FLORIANÓPOLIS, 2006.

MÁRCIA VALÉRIA TELLES CARVALHO

**LINGUAGEM, ENUNCIÇÃO E ALTERIDADE: UM ESTUDO DE CASO SOBRE
A RELAÇÃO DIALÓGICA ENTRE UM GRUPO DE OUVINTES IDOSOS E OS
COMUNICADORES DE RÁDIO AM DA GRANDE FLORIANÓPOLIS**

Esta dissertação foi julgada adequada à obtenção do grau de Mestre em Ciências da Linguagem e aprovada em sua forma final pelo Curso de Mestrado em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina.

Florianópolis – SC, 9 de maio de 2006.

Prof. Dra. Dulce Márcia Cruz

Universidade do Sul de Santa Catarina

Prof. Dr. Fábio de Carvalho Messa

Universidade do Sul de Santa Catarina

Prof. Dra. Roseméri Laurindo Costa do Campo

Universidade Regional de Blumenau - FURB

DEDICATÓRIA

À minha mãe, Lindalva, que com a força do povo nordestino e a imensidão do amor materno me auxiliou, sempre, incondicionalmente.

AGRADECIMENTOS

Ao meu pai, Silvio, pela amizade e companheirismo desde os tempos de escola;
Ao meu marido Ivan e meus filhos Rafael e João Henrique pelo carinho e paciência; Aos meus irmãos Ricardo e Cláudia, pela cumplicidade;
À minha orientadora Dulce, pelo incentivo, pela fibra, mas principalmente por acreditar que seria possível.

Aquele que entende, torna-se ele próprio partícipe do diálogo. Bakhtin

Nada é absolutamente morto. O sentido de cada coisa terá sua festa de renascimento. Bakhtin.

RESUMO

O presente trabalho faz uma reflexão sobre a comunicação existente entre ouvintes de um grupo de idosos e comunicadores de rádio AM, a partir da teoria dialógica de Bakhtin e analisa conceitos como linguagem, enunciação e alteridade na diversidade dialógica proposta pela teoria e multiplicidade de vozes que se formam num diálogo interativo entre o "eu" e o "outro". A pesquisa baseia-se nas observações de Bakhtin em que o diálogo não é apenas entendido no sentido de observação, mas nos princípios de subjetividade do sujeito; no pensamento da linguagem em que estão situados o emissor, o ouvinte e o próprio som; na observação da dinâmica social e prática observável da linguagem; nos enunciados que atentam para a variedade e as diferenças; na resistência à finalização das palavras que a todo instante cobram mudanças na organização do pensamento do homem. Para esta pesquisa, foi proposto um estudo de caso cuja comunicação entre o Grupo de Idosos e os comunicadores das rádios foi analisada em entrevistas de grupo e individuais. A coleta de informações individuais foi realizada com cinco pessoas do grupo, em horários diferenciados do dia, nas residências de cada um, onde os programas de rádio foram ouvidos. Os comunicadores foram entrevistados nos locais de trabalho e também por e-mails. Os depoimentos dos entrevistados inserem-se neste trabalho como fragmentos, a partir das possibilidades de aplicabilidade da teoria dialógica de Bakhtin. Na maioria dos depoimentos, considerou-se que ouvinte e comunicadores, situados no mesmo contexto social, registraram enunciados que oportunizaram reações ativas de emissão e responsivas de recepção com movimentos de alteridade e de relevante importância na significação das palavras.

Palavras-Chave: Comunicadores, dialogismo, enunciado, linguagem, ouvintes.

ABSTRACT

This research brainstorms about the communication between elder people who listen to the radio and AM radio newscasters, according to Bakhtin dialogical theory, as well as analyzes concepts as language, enunciations and each other regarding dialogical diversity proposed by the theory and multiplicity of voices that turn up in an interactive dialogue between "Me" and the "Other". This research is based on Bakhtin studies where the dialogue is understood through observation, as well as on the citizen's subjectivity principles; on language thoughts where we can find the newscasters, the listener and the sound itself; on the social dynamics observation and practical of language that can be observed; on statements that attempt against variety and differences; on the resistance of finishing words that are always asking for change on the way man organizes his thoughts. It was carried out a case study for this research concerning the comparative analysis. The communication among the Elder Group and the radios newscasters was recorded through individual and group interviews. The individual information record was carried out with five people from the group, in different schedules of the day, at their own homes, where the radio programs had been heard. The newscasters had been interviewed in their workstations and also some e-mails were sent in order to ask for more information. Their interviews are shown here, just in parts, considering the possibilities of dialogical applicability of Bakhtin theory. On the majority of the interviews, it was considered that listener and newscasters, which were on the same social context, recorded information that gave some opportunities to send active reactions and to answer them due to their reception with each other movements that were also relevant to the meaning of the words.

Keywords: Newscasters, dialogism, headlines, language, listeners.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
1.1. EXPOSIÇÃO DO ASSUNTO.....	9
1.2. DEFINIÇÃO DO TEMA E DO PROBLEMA.....	10
1.2.1 <i>Questões de Pesquisa</i>	12
1.2.2 <i>Pressupostos</i>	13
1.3 OBJETIVOS.....	13
1.3.1 <i>Objetivo Geral</i>	13
1.3.2 <i>Objetivos Específicos</i>	13
1.4. JUSTIFICATIVA.....	14
1.5 METODOLOGIA	15
1.6 ESTRUTURA DO TRABALHO.....	17
2. TEORIA DIALÓGICA DE BAKHTIN	18
2.1 O CONCEITO BAKHTINIANO DE LINGUAGEM.....	21
2.2 O CARÁTER DIALÓGICO DA LINGUAGEM.....	24
2.2.1 <i>Enunciação e Gênero</i>	29
2.2.2 <i>Os Sujeitos na Relação Dialógica</i>	33
2.2.3 <i>A interação verbal</i>	35
2.3 CONTRATOS DE LEITURA E VINCULAÇÃO SOCIAL.....	36
3 O RÁDIO	41
3.1 DIALOGISMO, LINGUAGEM E INTERSUBJETIVIDADE NO RÁDIO.....	41
3.2 O PROCESSO COMUNICATIVO.....	45
3.3 A ORALIDADE.....	50
3.4 O OUVINTE.....	53
3.4.1 <i>O papel do silêncio na recepção</i>	56
3.4.2 <i>O Cenário Acústico do Rádio e sua Influência na Recepção</i>	57
3.5 O EMISSOR.....	59
4 ANÁLISE DA RELAÇÃO COMUNICACIONAL ENTRE O GRUPO DE IDOSOS LAGOA FORMOSA E OS LOCUTORES DAS RÁDIOS AM DE FLORIANÓPOLIS SOB A LUZ DA TEORIA BAKHTINIANA DO DIÁLOGO	634
4.1 OBJETO DE ESTUDO.....	634
4.2 OS INTERLOCUTORES: OUVINTES E COMUNICADORES.....	65
4.2.1 <i>Ouvintes</i>	65
4.2.1.1 <i>O Idoso no Brasil</i>	66
4.3 OS COMUNICADORES.....	67
4.4 METODOLOGIA DA PESQUISA.....	67
4.5 A COMUNICAÇÃO ENTRE O GRUPO E OS COMUNICADORES.....	70
4.6 DESCRIÇÃO DOS RESULTADOS.....	72
4.6.1 <i>A relação do sujeito</i>	72
4.6.2 <i>Os papéis do ouvinte e do comunicador</i>	75
4.6.3 <i>Enunciação</i>	80
4.6.4 <i>A alteridade da Interlocução, a diversidade de linguagem: o Eu e o Outro</i>	90
4.7 ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	89
5. CONCLUSÃO	94
6. REFERÊNCIA	99
7. REFERÊNCIA COMPLEMENTAR	102

1 INTRODUÇÃO

1.1 EXPOSIÇÃO DO ASSUNTO

Esta dissertação pretende apresentar uma reflexão sobre a comunicação entre integrantes de um grupo de idosos da Lagoa da Conceição em Florianópolis e comunicadores de rádios AM. Foram utilizados como instrumento de leitura alguns dos principais conceitos da teoria bakhtiniana do diálogo, a exemplo, serão citadas: a enunciação e a alteridade.

A concepção desta análise parte das definições de Bakhtin, cujo diálogo não é entendido meramente no sentido óbvio de observação entre duas pessoas, mas numa comunicação entre diferenças simultâneas, ou seja, o texto pode ser o mesmo e, no entanto, ter sentido diferente dependendo do contexto em observação. Pode-se dizer que um ser único incorpora e compartilha significados com outros, já que os significados são variados nos inúmeros contextos criados pela vida cotidiana; no dialogismo que contempla o sujeito possuidor de significado; nos princípios de intersubjetividade em que o sujeito se constitui frente ao *outro* em um processo de auto-reconhecimento, sendo o *outro* importante para o conhecimento de si mesmo; no pensamento da linguagem a partir da realidade social em que estão situados o emissor, o receptor e o próprio som; na observação da dinâmica social, na prática observável da linguagem como uma força que estrutura as relações interpessoais; na reflexão do diálogo a partir das diferenças intituladas polissemia (vários significados para uma mesma palavra) e heteroglossia (mistura de diferentes grupos de língua, cultura e classes) resistente a uma finalização; na natureza dialógica e polifônica (conjunto de sons)

dos discursos que possibilitam apropriações e formulações sobre enunciados ofertados; e por fim na diversidade de formas de gêneros dos enunciados nos diversos campos da atividade humana. Mesmo sob a luz da teoria baktiniana, para a realização deste trabalho, foi preciso buscar referenciais teóricos da comunicação, da educação e da filosofia para uma melhor análise do estudo em questão. Esta abordagem deve interessar tanto aos estudiosos da linguagem e da comunicação, como pensadores das ciências humanas voltados aos estudos relacionados à concepção do homem e da vida:

“A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar de um diálogo: interrogar, escutar, responder, concordar, etc. Neste diálogo, o homem participa todo e com toda a sua vida: com os olhos, com os lábios, as mãos, a alma, o espírito, com o corpo todo, com as suas ações. Ele se põe todo na palavra e esta palavra entra no tecido dialógico da existência humana, no simpósio universal” BAKHTIN (1929 *apud* CLARK e HOLQUIST, 1998, p.13).

O trabalho insere-se na linha de pesquisa Linguagem, Cultura e Mídia do Mestrado em Ciências da Linguagem da UNISUL – Universidade do Sul de Santa Catarina e espera contribuir com aqueles que buscam alternativas para intensificar e substanciar o diálogo entre ouvintes e locutores de rádios AM, acreditam nas trocas de informações capazes de aumentar a comunicação entre os sujeitos e, portanto, contribuem para uma maior significação da vida cotidiana.

1.2 DEFINIÇÃO DO TEMA E DO PROBLEMA

O problema pesquisado nesta dissertação teve início a partir de um trabalho jornalístico desta pesquisadora sobre grupos de idosos na Grande Florianópolis. Um dos grupos entrevistados para a matéria jornalística foi o *Lagoa Formosa*, formado por moradores da Lagoa da Conceição, com idades entre 60 e 85 anos. Inicialmente, tratava-se de uma matéria sobre comportamento, porém a motivação para esta dissertação apareceu justamente na observação da relação existente entre os integrantes deste grupo e os locutores de rádios locais AM. Constatou-se que os ouvintes, ao compreenderem o significado do discurso, estabelecem uma ativa posição responsiva, quer dizer, concordam, discordam, completam este significado e acabam por estabelecerem uma participação ativa no diálogo. A afirmação de Bakhtin (2003, p.271), abaixo citada, reitera este fato quando diz:

Toda compreensão de uma fala viva, de um enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva, embora o grau desse ativismo seja bastante diverso; toda compreensão é prenhe de resposta e nesta ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante. A compreensão passiva do significado do discurso ouvido é apenas um momento abstrato da compreensão ativamente responsiva real e plena, que se atualiza na subsequente resposta em voz real e alta.

A participação do locutor também foi observada a partir das enunciações e da alternância dos sujeitos no discurso. Com estas reflexões, os estudos sobre a teoria dialógica de Bakhtin se intensificaram, cabendo à discussão do tema perguntar sobre as possibilidades que os diálogos, entre receptores e comunicadores, proporcionam aos sujeitos, na medida em que se abre uma infinidade de linguagens, num processo interativo

de variações semióticas e interação social que possibilitam a comunicação entre diferentes comunidades.

Cada vez mais freqüentes, os diálogos passaram a fazer parte do cotidiano do grupo, bem como apresentaram desdobramentos nas relações entre o “eu” e o “outro”. A alteridade da interlocução refere-se ao movimento de alteridade apresentado no diálogo, o qual acaba por sugerir uma análise da constituição dos sujeitos um frente ao outro. Nesta pesquisa, este movimento entre locutor e receptor é analisado justamente a partir das concepções bakhtinianas em que o “eu” se constitui pelo reconhecimento do “tu”, isto é, em que o reconhecimento de si se dá pelo reconhecimento do outro.

Parece interessante averiguar como os conceitos dialógicos de Bakhtin se aplicam a este estudo de caso, bem como levar em conta as possibilidades que se abrem nesta multiplicidade de vozes. Foram examinadas diversas obras que analisam os conceitos bakhtinianos de dialogismo, assim, verificou-se na pesquisa a possibilidade de aplicação desta teoria a partir de conceitos como enunciação e alteridade na comunicação entre os idosos do grupo pesquisado e os comunicadores de rádios AM. A partir da teoria bakhtiniana, na produção dos enunciados, por exemplo, estariam contidas a atitude responsiva ativa e a compreensão responsiva ativa.

1.2.1 Questões de Pesquisa

Dentro do contexto descrito acima, a pergunta principal desta pesquisa é a seguinte: como se caracteriza a comunicação, ou seja, como se caracterizam os complexos fatores que tornam o diálogo possível, entre integrantes de um grupo de idosos de

Florianópolis e locutores de rádios AM dessa cidade, analisados a partir dos conceitos de enunciação e alteridade da teoria dialógica de Bakhtin?

1.2.2 Pressupostos

A hipótese que utilizamos nesta pesquisa foi a de que a comunicação entre os idosos selecionados e alguns locutores de rádio AM da Grande Florianópolis, quando analisada sob a ótica de Bakhtin, caracteriza-se por ser dialógica e polifônica a partir de enunciados em movimentos de alteridade.

1.3 OBJETIVOS

1.3.1 Objetivo Geral

O objetivo desta pesquisa é descobrir como se caracteriza a comunicação entre integrantes de um grupo de idosos de Florianópolis e alguns locutores de rádios AM da Grande Florianópolis, analisada a partir dos conceitos da teoria dialógica de Bakhtin como os de enunciação e alteridade.

1.3.2 Objetivos Específicos

Os objetivos específicos desta pesquisa podem ser enumerados da seguinte forma:

1. Investigar quais as linguagens adotadas entre o grupo de idosos e os comunicadores das rádios AM;
2. Descobrir se os conceitos do dialogismo podem ser percebidos e/ou aplicados na comunicação entre o grupo de idosos e os comunicadores de rádios AM;
3. Contribuir para a pesquisa sobre os caminhos dialógicos nas relações entre o “eu” e o “outro”;
4. Investigar como as características do rádio contribuem para incrementar a comunicação entre o grupo de idosos e os comunicadores.

1.4 JUSTIFICATIVA

Este trabalho justifica-se ao refletir sobre a comunicação entre emissores e receptores da radiodifusão, sob a luz da teoria bakhtiniana ao procurar compreender como as características filosóficas do diálogo têm aplicação no processo complexo e ativo da comunicação discursiva.

Ao descrever conceitos do dialogismo na filosofia bakhtiniana e sugerir a aplicabilidade desta teoria num estudo de caso, esta dissertação sustenta as concepções básicas de Bakhtin quando demonstra como o diálogo pode atravessar a língua, outros discursos e o próprio sujeito dado pela alteridade da interlocução. O dialogismo, considerado em Bakhtin como princípio fundamental da linguagem, é compartilhado pelos sujeitos envolvidos, posto que não há um receptor passivo já que o ouvinte, ao compreender a mensagem, ocupa uma posição responsiva. É uma relação em que o reconhecimento do outro se dá a partir do reconhecimento de si mesmo.

A visão de interação voltada para a subjetividade dos interlocutores abre caminhos para a concepção da linguagem enquanto fenômeno sócio-ideológico e reconhecimento da língua como fenômeno social.

1.5 METODOLOGIA

O objeto de pesquisa pode ser inusitado como também pode ser um objeto amplamente conhecido, mas cujo tratamento não esteja esgotado e, portanto, necessite ainda de investigações que forneçam respostas diferentes para problemas ainda não superados. “Olhar o objeto de uma perspectiva diferente pode determinar o sucesso do resultado de uma pesquisa, daí a necessidade de conhecer as metodologias aplicáveis ao problema a que se quer responder, instrumentalizando o processo de investigação de forma consistente” (MEZZARROBA, 2004, p.105).

Nesta pesquisa de dissertação, o caráter qualitativo ajudará a compreender as informações a partir de um inter-relacionamento com fatores variados e privilegiará alguns contextos. “O que vai preponderar sempre é o exame rigoroso da natureza, do alcance e das interpretações possíveis para o fenômeno estudado e (re) interpretado de acordo com as hipóteses estrategicamente estabelecidas pelo pesquisador” (MEZZARROBA, 2004, p.110).

Além disto, esta pesquisa, durante a construção e enunciação do problema, privilegiará os conceitos de enunciação e alteridade em Mikhail Bakhtin, a partir de diálogos no rádio.

Colocadas em questão as aplicabilidades, estas serão testadas em um estudo de caso com um grupo de idosos e locutores de rádios locais. Os métodos e as técnicas para

coleta de informações baseiam-se em referências bibliográficas e na observação dos diálogos. Assim, analisar-se-ão, teórica e empiricamente, noções de diálogo apoiadas nos conceitos bakhtinianos.

Os diálogos serão analisados a partir da observação do cotidiano dos ouvintes e locutores em horários diferenciados do dia. Para esta análise, foram utilizadas técnicas diferenciadas de coleta de informações como: visitas às reuniões do Grupo Lagoa Formosa para acompanhamento das atividades e entrevistas gerais; visitas às residências de cinco integrantes do Grupo para entrevistas individuais e análise de comportamento durante a audição dos programas de rádio; entrevistas com comunicadores de duas rádios AM de Florianópolis.

Toda a coleta de informações foi anotada, já que o gravador (usado em alguns casos) não contribuiu para o fluxo do diálogo. Tais anotações fizeram parte de um relatório de onde foram extraídos depoimentos dos integrantes do Grupo Lagoa Formosa sobre preferência e assiduidade dos programas de rádio, preferência de comunicadores e forma de transmissão da informação; depoimento dos cinco integrantes do Grupo Lagoa Formosa escolhidos para o estudo de caso e visitados nas residências; depoimentos dos dois comunicadores de rádios AM da Grande Florianópolis mais citados pelo Grupo Lagoa Formosa; trechos de programas ouvidos pela pesquisadora em companhia dos idosos visitados nas residências e também trechos de programas ouvidos pela pesquisadora a partir da pesquisa. As visitas ao Grupo foram realizadas durante seis meses, totalizando 14 encontros, sempre às terças-feiras, na Associação Amigos da Lagoa. As visitas às residências de cada entrevistado foram limitadas a dois encontros. Os locutores dos

programas mais ouvidos pelo grupo (Mário Motta, da rádio CBN, e Jean Schutz, da Rádio Gazeta) foram entrevistados nas rádios e também por e-mails.

1.6 ESTRUTURA DO TRABALHO

A dissertação está dividida em cinco capítulos. O primeiro capítulo apresenta o assunto e o problema pesquisado, as questões e hipóteses de trabalho, os objetivos de pesquisa, a justificativa e a metodologia utilizada na investigação.

O segundo capítulo fornece a fundamentação teórica para a presente dissertação e descreve conceitos de dialogismo baseados na filosofia bakhtiniana.

O terceiro capítulo descreve o rádio enquanto meio de comunicação e o papel dos locutores e ouvintes nas programações radiofônicas na era da informação.

O capítulo 4 refere-se à pesquisa realizada com o Grupo de Idosos Lagoa Formosa, da Lagoa da Conceição, em Florianópolis e locutores das rádios AM.

Por fim, o capítulo 5 trata das conclusões alcançadas e das possíveis aplicações das reflexões obtidas no cotidiano comunicacional.

2 TEORIA DIALÓGICA DE BAKHTIN

Embarcar na corrente de pensamento de Bakhtin requer, assim, nos seus próprios termos, uma forma de pensar incontestavelmente dialógica. Isso nem sempre é fácil em um mundo marcado pela fragmentação, no qual o homem é constantemente reificado em categorias dicotômicas e excludentes. O pensamento ocidental tem se mostrado preponderantemente monológico, daí a dificuldade maior de se substituir as abordagens reificadas de interpretação da realidade pelo modelo dialógico e polifônico proposto por Bakhtin (SOUZA, 1994, P.104).

Este capítulo traz a fundamentação teórica para a presente dissertação, bem como descreve conceitos como enunciação e alteridade na filosofia bakhtiniana, para sustentar que o diálogo atravessa a língua, outros discursos e o próprio sujeito dado pela alteridade da interlocução.

O dialogismo, considerado em Bakhtin como princípio fundamental da linguagem, é compartilhado pelos sujeitos envolvidos, não havendo um receptor passivo já que o ouvinte, ao compreender a mensagem, ocupa uma posição responsiva. É uma relação em que o reconhecimento do outro se dá a partir do reconhecimento de si mesmo. O capítulo está distribuído em três tópicos: o primeiro define a concepção da linguagem em Bakhtin.

O segundo tópico define enunciado e gênero a partir dos estudos bakhtinianos. Trata-se de uma visão de interação voltada para a subjetividade dos interlocutores. O enunciado é visto como unidade básica da comunicação, enquanto o gênero do discurso é a forma do enunciado. Neste segundo tópico, verifica-se também o posicionamento dos sujeitos na relação dialógica e define-se o papel do ouvinte e do emissor na relação em que, a partir da compreensão do discurso do falante, há uma atitude responsiva do ouvinte, bem

como uma expectativa por parte do falante em relação à resposta do ouvinte. Ainda neste tópico do trabalho, serão encontradas reflexões sobre a linguagem enquanto evento social da interação verbal e não como um sistema abstrato de formas lingüísticas. A palavra orienta-se para o destinatário e há uma relação social clara com o sujeito falante.

No último tópico, aparecem as definições sobre os *Contratos de Leitura*, por intermédio dos quais os veículos de comunicação constroem laços de comunicação com o público, além de permitirem abertura de possibilidades de todo sujeito produzir e receber discursos. Neste trabalho, os contratos de leitura são analisados à luz da teoria bakhtiniana, em que a linguagem é o campo privilegiado para circulação dos discursos. No entanto, antes de iniciar as considerações neste capítulo teórico, é importante que sejam esclarecidas as dificuldades e contradições dos autores em interpretar, em alguns casos, a obra de Bakhtin.

Ao escreverem sobre Mikhail Bakhtin, Clark e Holquist (1998, p.21) ressaltam as discrepâncias e anacronismos que caracterizam a carreira e a reputação de Bakhtin, o qual “vem sendo visto como um dos maiores pensadores do século XX”. Algumas questões da vida e obra de Bakhtin permanecem sem resposta. Ainda existem lacunas e complexidade de conflitos nas obras bakhtinianas em face da diversidade dos embasamentos filosóficos de seus trabalhos que atravessam a antropologia, semiótica, sociologia, lingüística e estética. Os conhecimentos diversificados das obras são questionados por pensadores contemporâneos, os quais discutem a importância que Bakhtin atribuía ao “não finalizado” e à falta de posicionamento ideológico nos escritos bakhtinianos.

Bakhtin era visto entre os intelectuais russos como figura marginal. Desempregado e admirado apenas por poucos amigos permaneceu em exílio político na década de 30, no Cazaquistão.

Bakhtin ocupou um cargo na faculdade da Mordóvia, longe do centro intelectual russo e permaneceu na obscuridade por quase toda a vida. Muitas obras foram publicadas com nomes de amigos. Veio a renascer às vésperas da aposentadoria, depois da segunda edição de seu livro sobre Dostoievski. Os entendimentos sobre as obras de Bakhtin se davam de formas diferentes em países diferentes. As descobertas sobre seu trabalho aconteceram fora da Rússia, principalmente na França, no fim dos anos 60.

Por se dar num contexto estruturalista, Bakhtin ficou conhecido como um crítico proveniente da tradição formalista, “(...) ou em termos de um teórico das inversões carnavalescas e rituais da hierarquia. O fosso alarga-se na União Soviética, onde muitos vêem Bakhtin como um filósofo religioso na tradição da igreja ortodoxa” (CLARK e HOLQUIST, 1998, p.23). As oscilações entre a Rússia e o Ocidente demonstraram a dificuldade de tradução dos textos. Os escritos em nome de amigos dificultaram a veracidade da autoria do material produzido.

(...) a figura intelectual de Bakhtin vagava em uma névoa bastante confusa de filiações conceituais que não me permitiam inteirá-la ou, pelo menos, estabelecer um fulcro original e conducente que organizasse de uma maneira mais compreensiva os, necessariamente contraditórios, elementos de sua composição (CLARK e HOLQUIST, 1998, p.17).

Mesmo diante destas dificuldades, as reflexões deixadas por Bakhtin interessam cada vez mais aos estudiosos de áreas que vão desde a metafísica à contabilidade. A preocupação de Bakhtin com a variedade, com a diferença, expandiu seus escritos para uma imensa gama de assuntos em linguagens ideológicas diferentes. Da tradição neokantiana ao vocabulário marxista, surgem Bakhtins diferentes em cada obra. No entanto, são justamente

estas características que fazem a pesquisa em torno de Bakhtin ainda mais fascinante. As mensagens políticas ou filosóficas de seus escritos demonstram a inquietude de um filósofo que resistiu à finalização e abriu a possibilidade do pensar diferente. “Bakhtin parece ter tido o terceiro ouvido, um que lhe permitia ouvir as diferenças lá onde todos percebiam apenas mesmices” (CLARK e HOLQUIST, 1998, p.33).

2.1 O CONCEITO BAKHTINIANO DE LINGUAGEM

Esta dissertação não pretende descrever a trajetória histórica dos conceitos de linguagem nem tampouco aprofundar abordagens teóricas sobre o assunto, visto que a gama de informações a respeito deste tema é extensa e minuciosa. Uma pesquisa mais abrangente nos levaria, sem dúvida, aos primórdios do processo comunicacional, às representações pictóricas do paleolítico, quando nas paredes das cavernas subterrâneas, o homem, essencialmente caçador, se expressava com o auxílio de pinturas, com os dedos ou pincéis rudimentares de fibras vegetais.

O artista paleolítico, capaz de fabricar os utensílios necessários à sua arte e de decorar as paredes das cavernas segundo critérios complexos, devia ter também uma linguagem. Aliás, supõe-se que os neandertalenses já devessem contar com alguma forma de linguagem e isso algumas dezenas de milhares de anos antes do homo-sapiens e de sua arte gráfica (...) a linguagem, mesmo se não articulada, pressupõe a capacidade de traduzir em conceitos os elementos da vida cotidiana, de representar a realidade através de símbolos: capacidade esta que o homem devia ter quando começou a forjar utensílios e a usá-los e quando começou a cooperar com seus semelhantes, dando origem a uma sociedade embrionária (GIOVANINNI, 1987, p.26).

Para este trabalho, propõe-se abordar a concepção de linguagem a partir das reflexões acerca do seu caráter dialógico e assim situar o leitor no campo desta pesquisa. Os

estudos sobre o caráter dialógico da linguagem acompanham toda a obra de Mikhail Bakhtin (1895-1975) que via na heteroglossia - mistura de diferentes grupos de língua, cultura e classes - a condição ideal para combater a estagnação do pensamento.

No final do século passado e início deste, autores como Bakhtin, Vygotsky e Benjamin, citados por Jobim e Souza (1994, p 95), dedicaram seus estudos à definição sobre a linguagem e o lugar que ela deve ocupar no âmbito das ciências humanas. A linguagem foi o ponto de partida para a investigação das questões humanas e sociais. Estes estudos permitiram que as ciências humanas tomassem novo rumo, fora do cientificismo. Os autores acabaram por seguir caminhos diferentes, mas as preocupações sobre o papel da linguagem estavam presentes nos estudos de cada um. Na reflexão de Vygotsky, a linguagem deve preencher funções específicas na constituição das funções psicológicas superiores e na construção da subjetividade, é a elaboração de uma teoria sócio-psicológica da relação pensamento e palavra.

Nos estudos de Benjamin, há uma reflexão filosófica sobre o empobrecimento da experiência do homem no mundo moderno e as repercussões no uso da linguagem. Benjamin também recorre à teologia e à mística judaica para descobrir a essência da linguagem. Ele quer resgatar a dimensão expressiva da linguagem colocando-a no centro da discussão sobre a distinção entre conhecimento e verdade (SOUZA, 1994, p.94).

As reflexões de Bakhtin se concentram nas teorias lingüísticas agrupadas em duas correntes: subjetivismo idealista e objetivismo abstrato e diz que as teorias são um obstáculo para a compreensão da linguagem enquanto código ideológico.

Bakhtin (2004, p.72, 80) aponta que, para o subjetivismo idealista, representado pelo pensamento de Humboldt, o fenômeno lingüístico é o ato significativo de criação individual. As leis da lingüística seriam, então, as leis da psicologia individual. Entretanto, esse autor também mostra que no objetivismo abstrato, defendido por Saussure, a fala não é objeto da lingüística. Para Bakhtin, ao separar a língua da fala, Saussure prioriza o estudo dos elementos que constituem a forma normativa da língua. A língua é vista como um produto acabado, transmitido através de gerações.

A partir destas definições, Bakhtin questiona a falta de interatividade dos indivíduos com a linguagem, já que há uma imposição de um sistema abstrato de normas. Para ele, a lingüística, ao analisar a linguagem como um sistema pronto não pode informar o modo como realmente a língua funciona e esta forma de analisar a linguagem acaba por distorcer a comunicação das pessoas entre elas mesmas e com o mundo. Assim, Bakhtin lembra a existência de experiências sociais diversificadas, nas quais a maneira de se comunicar difere em decorrência do meio social em que o sujeito está. “Os indivíduos não recebem a língua pronta para ser usada. Eles penetram na corrente da comunicação verbal, ou melhor, somente quando mergulham nesta corrente é que sua consciência desperta e começa a operar (...)” (BAKHTIN, 1981, p.108).

Embora concorde com Saussure, quando o mesmo defende que deveria ser criada uma disciplina que estudasse a “vida dos signos na sociedade”, Bakhtin diverge da concepção saussureana na natureza dos signos e seu papel na sociedade. Bakhtin considera a lingüística uma parte do estudo das ideologias, pois o domínio da ideologia coincide com o domínio dos signos.

Ele contesta o que considera o “psicologismo de Saussure” e situa a ideologia no interior da consciência individual. Assim, Bakhtin descentraliza a consciência individual e afirma que ela (consciência individual) é um fato sócio-ideológico que não existe sem seu conteúdo semiótico e ideológico.

A consciência é lingüística social, portanto, ela própria é parte da existência e uma de suas forças, e por esta razão, possui eficácia e desempenha um papel na arena da existência. O que Bakhtin chama de palavra, ou seja, a linguagem no sentido mais amplo, é o fenômeno ideológico por excelência e o meio mais puro e mais sensível de interação social (STAM, 1992, p.31) .

A partir desta concepção, para Bakhtin, a interação verbal constitui a realidade fundamental da língua. Existem formas diferentes de falar, as quais refletem a diversidade da experiência social. Sendo assim, a realidade fundamental da interação verbal é o caráter dialógico.

2.2 O CARÁTER DIALÓGICO DA LINGUAGEM

Conforme Clark e Holquist (1998), Bakhtin via a comunicação como fundamento da própria vida, tudo estava em constante comunicação, por isso da necessidade de se refletir sobre o diálogo em seus mais variados modos.

A característica fundamental do pensamento de Bakhtin é a sua tentativa de compreender os complexos fatores que tornam possível o diálogo (...) concebido de maneira mais compreensiva como o extensivo conjunto de condições que são imediatamente moldadas em qualquer troca real entre duas pessoas, mas não são exauridas de semelhante intercâmbio. Em última análise, diálogo significa comunicação entre diferenças simultâneas (CLARK e HOLQUIST, 1998, p.36).

Esta atenção à diferença e à “invenção da filosofia da linguagem com aplicação imediata não apenas na lingüística, na estilística, mas também na maioria das preocupações prementes da vida cotidiana” (Clark e Holquist, 1998, p.36), são explicadas em Bakhtin a partir da designação de um termo com que ele edifica a sua concepção dialógica: a *Elocução*, o modo de expressar-se oralmente ou na escrita.

Uma elocução falada ou escrita é sempre expressa de um ponto de vista, o qual, para Bakhtin, é um processo mais do que uma localização. A proferição é uma atividade que determina diferenças em valores. Em nível elementar, por exemplo, as mesmas palavras podem significar coisas diferentes dependendo da entonação particular com que são enunciadas em um contexto específico: a entonação é o som que o valor faz. (CLARK e HOLQUIST, 1998, p.37).

As preocupações com a diferença, a variedade e a alteridade acabaram abrindo caminhos para a complexidade de *elocuições* em situações particulares da linguagem. Devido a estas descobertas, Bakhtin começa a usar o termo *metalingüística*, mais tarde traduzido por alguns autores para *translingüística*. Por meio da *translingüística*, Bakhtin reflete sobre a liberdade que, para ele, está assentada antes de tudo na natureza dialógica da linguagem e da sociedade. Reflete também sobre as concepções de significado. As duas correntes analisadas, a personalista – que investe na pessoalidade dos indivíduos “eu possuo significado” e a corrente desconstrucionista, a qual sustenta que “ninguém possui significado”, levam Bakhtin a defender justamente o contrário, que nós possuímos

significado e que tudo significa. A crítica de Bakhtin aos personalistas e desconstrucionistas vem justamente dos extremos adotados pelas duas correntes.

O ponto de vista Bakhtiniano é que, eu posso significar o que eu digo, mas só indiretamente, num segundo passo, em palavras que tomo da comunidade e lhe devolvo conforme os protocolos que ela observa. Minha voz pode significar, mas somente com outros - às vezes em coro - porém o mais das vezes em diálogo (CLARK e HOLQUIST, 1998, p.39).

Em seus estudos, Bakhtin ressalta a importância de perceber a linguagem dentro de um sistema cultural específico e isto dá às palavras um invólucro contextual já sedimentado por diversas intralinguagens.

Este raciocínio sugere a necessidade de o significado ser sempre compartilhado dentro das noções da heteroglossia bakhtiniana. “Para Bakhtin, a língua e a palavra são quase tudo na vida humana e, portanto, uma realidade tão abrangente e com tantas facetas não pode ser compreendida unicamente por meio da metodologia da lingüística” (SOUZA, 1994, p.101).

A heteroglossia caracteriza-se pela diversidade de linguagens e vozes que entram em um campo de tensões e reflexões, interlocuções em pé de igualdade. “O discurso dialógico permite a heteroglossia e, conseqüentemente, amplia o leque de significados da palavra. O diálogo entre as diversas vozes promove o encontro ao ‘eu’ e ao ‘outro’ no processo em que o discurso torna-se público” (BARROS, 2002 *apud* FERREIRA, 2002, p.37).

Bakhtin diz que é impossível pensar no homem fora das relações que o ligam ao outro. Surgem aí as reflexões sobre a efetivação de discursos e construção do sentido nas esferas do emissor e do receptor no universo midiático. Pensando neste universo, o dialogismo é apresentado na obra de Bakhtin como princípio geral na análise literária.

Bakhtin também aponta que a língua, na sua totalidade, tem a propriedade de ser dialógica, pois não se restringe à comunicação interpessoal. Há uma dialogização interna da palavra que é sempre perpassada pela palavra do outro, é sempre também a palavra do outro. Sendo assim, a verdade não se encontra no interior de uma só pessoa, mas na interação dialógica entre pessoas que a buscam coletivamente. Aparece então um mundo que fala de diversas maneiras e essas vozes formam o cenário onde, claro, aparecem divergências.

Para Bakhtin, o ato enunciativo é, inevitavelmente e em qualquer situação, construído por uma pressuposição do destinatário. Mais do que isto, os discursos têm sempre uma natureza dialógica e polifônica que possibilitam apropriações das mais diversas naturezas e formulações sobre os enunciados ofertados. Por conseguinte, há uma interação dialógica e a verdade não pode pertencer a uma única pessoa. Essas vozes formam um cenário, e a unidade da experiência e da verdade do homem se torna polifônica.

“É por isso que a obra de Bakhtin sugere que dialogismo e polifonia fundam-se como características essenciais, a partir das quais o mundo pode ser compreendido e interpretado de muitas e diferentes maneiras, tendo em vista seu estado de permanente mutação e inacabamento” (SALOMÃO, 2003, p.59).

Ao retomar a expressão dialogismo e fazer a relação com a palavra *diálogo*, é preciso traçar caminhos que vão além do ato da fala entre duas ou mais pessoas. O dialogismo não se reduz às relações entre os sujeitos nos processos discursivos. Material

impresso como livros, revistas e matérias de jornais, por exemplo, pode significar atos de fala, pois não deixam de ser parte integrante de uma discussão ideológica (BAKHTIN, 1978). Nestes casos, as respostas são antecipadas, existem confirmações textuais enfim, comunicação com quem está em contato com o material. É a natureza interdiscursiva da linguagem.

Na sua teoria, Bakhtin também se refere ao *discurso interior*, dentro da idéia de diálogo. Neste discurso aparecem infinitas enunciações que são determinadas a partir da situação de um *auditório*.

A situação e o auditório obrigam o discurso interior a realizar-se em uma expressão exterior definida, que se insere diretamente no contexto não verbalizado da vida corrente, e nele se amplia pela ação, pelo gesto ou pela resposta verbal dos outros participantes na situação de enunciação (BAKHTIN, 1978, p.125).

Diretamente ligada a essa questão está a formação de repertórios, que, para Bakhtin, são formas de vida em comum relativamente regularizadas, reforçadas pelo uso e pela circunstância. Então, dentro desta perspectiva, o discurso da vida cotidiana acaba respondendo por um discurso social que as consolida, um auditório permanente que reflete a ideologia do grupo. Há, portanto, um movimento de interação entre enunciador e destinatário. A realidade apresentada passa a ser refletida e o contexto pode ser modificado. Neste momento, o conceito de comunicação como interação verbal e não verbal passa a ser fortalecido já que a comunicação não é somente transmissão de informação. Ligados ao dialogismo estão a polifonia, a combinação de vozes e os sons.

A partir da noção bakhtiniana, a polifonia mostra que as palavras não são signos neutros. Elas aparecem a partir de conflitos, situações e histórias vividas pelos falantes de uma língua. Por isso, estão impregnadas das vozes, dos valores e dos desejos dos falantes. São as “outras” vozes que condicionam o discurso dos sujeitos. Para entender melhor como estes discursos acontecem no contexto social, faz-se necessário conhecer dois conceitos importantes da teoria bakhtiniana do diálogo: da enunciação e do gênero do discurso.

2.2.1 Enunciação e Gênero

Em Bakhtin (2004), a enunciação é compreendida como uma réplica do diálogo social, ela é a unidade de base da língua em se tratando de discurso interior ou exterior. Já que faz parte do diálogo social, é de natureza ideológica e não existe fora do contexto social. “Há sempre um interlocutor, ao menos potencial. O locutor pensa e se exprime para um auditório social bem definido” (BAKHTIN, 2004, p.16). Bakhtin ainda ressalta que o ato enunciativo é constituído por uma pressuposição do destinatário. Por isso, os discursos têm sempre uma natureza dialógica e polifônica que possibilitam apropriações sobre os enunciados ofertados. Segundo Bakhtin (2003), todas as esferas da utilização da atividade humana estão ligadas à utilização da língua. O caráter e as esferas desta utilização são bem variados assim como a atividade humana:

A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes de uma ou de outra esfera da atividade humana. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não apenas por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua, recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais, mas também e, sobretudo, por sua construção composicional (BAKHTIN, 2003, p.261).

A partir das definições de Bakhtinianas, as fronteiras do enunciado concreto, compreendido como uma unidade de comunicação verbal, são determinadas pela alternância dos sujeitos falantes, ou seja, pela alternância dos locutores.

O locutor termina seu enunciado para passar a resposta ao outro ou para dar lugar à compreensão responsiva ativa do outro. “O enunciado não é uma unidade convencional, é uma unidade real, precisamente delimitada pela alternância dos sujeitos do discurso, a qual termina com a transmissão da palavra ao outro (...)” (BAKHTIN, 2003, p.275). Esta alternância dos sujeitos falantes compõe o contexto do enunciado e é no diálogo real que ela é observada de modo mais direto e evidente. O acabamento do enunciado, por parte do locutor, pode ser determinado a partir de critérios particulares.

O primeiro e mais importante dos critérios de acabamento do enunciado é a possibilidade de responder, mais exatamente de adotar uma atitude responsiva para com ele. Este acabamento vale para uma simples pergunta, um romance, uma exposição científica. É necessário um acabamento para tornar possível uma reação ao enunciado. A totalidade acabada do enunciado que proporciona a possibilidade de responder (de compreender de todo responsivo) é determinada por fatores indissociavelmente ligados no todo orgânico do enunciado.

Segundo Bakhtin (2003), teoricamente o objeto pode ser inesgotável. O tema terá que estar dentro dos limites de um intuito definido pelo autor; o intuito, o querer-dizer do locutor, o qual acaba por determinar a escolha do objeto, com suas fronteiras (nas circunstâncias precisas da comunicação verbal e necessariamente em relação aos

enunciados anteriores). Tal intuito vai determinar também a escolha da forma do gênero em que o enunciado será estruturado; o querer dizer do locutor se realiza acima de tudo na escolha do gênero do discurso. Esta escolha se dá em função da especificidade de uma dada esfera da comunicação verbal, das necessidades de uma temática do conjunto constituídos dos parceiros. Depois disto, o intuito discursivo do locutor adapta-se e ajusta-se ao gênero escolhido. Em seus estudos, Bakhtin ressalta a riqueza, a diversidade e a infinidade dos gêneros do discurso, porque também são inesgotáveis as possibilidades da atividade humana.

Ao refletir sobre a heterogeneidade dos gêneros do discurso, orais e escritos, Bakhtin critica a forma como a questão geral dos gêneros do discurso vem sendo tratada desde a antiguidade.

(...) da antiguidade aos nossos dias eles foram estudados num corte da sua especificidade artístico-literária, nas distinções diferenciais entre eles (no âmbito da literatura) e não como determinados tipos de enunciados que são diferentes de outros tipos, mas têm com estes uma natureza verbal (lingüística) comum. Quase não se levava em conta a questão lingüística, geral do enunciado e dos seus tipos (BAKHTIN, 2003, p.263).

Bakhtin (2003) esclarece que possuímos, na verdade, uma grande variedade de gêneros do discurso. Falamos em vários gêneros sem suspeitar da sua existência. Dominamos com facilidade antes mesmo de estudar a língua materna. As formas da língua e as formas de enunciados, isto é, os gêneros do discurso introduzem-se em nossa experiência e em nossa consciência conjuntamente e sem que sua estreita correlação seja rompida. Os gêneros do discurso organizam nossa fala da mesma maneira que organizam as

formas gramaticais. Aprendemos a moldar nossa fala às formas do gênero e, ao ouvir a fala do outro, sabemos de imediato achar o gênero a partir da estrutura composicional.

Se não existissem os gêneros do discurso, se tivéssemos que criá-los, construir a cada enunciado, a comunicação verbal seria quase impossível.

Para Bakhtin (2003), a diversidade de alguns gêneros varia de acordo com a condição social e o relacionamento pessoal dos parceiros. O gênero do discurso não é uma forma da língua, mas uma forma de enunciado e como tal, recebe do gênero uma expressividade determinada, típica, própria do gênero dado.

É por isto que a experiência verbal individual do homem toma forma e evolui sob o efeito da interação contínua e permanente com os enunciados individuais do outro. É uma experiência que se pode definir como um processo de assimilação, mais ou menos criativo, das palavras do outro (e não das palavras da língua). Nossa fala e nossos enunciados estão repletos de palavras dos outros que assimilamos, reestruturamos, modificamos.

Achamos que em qualquer corrente especial de estudo faz-se necessária uma noção precisa da natureza do enunciado em geral e das particularidades dos diversos tipos de enunciados (primários e secundários), isto é, dos gêneros do discurso. O desconhecimento da natureza do enunciado e a relação diferente com as peculiaridades das diversidades de gêneros do discurso em qualquer campo da investigação lingüística redundam em formalismo e em uma abstração exagerada, deformam a historicidade da investigação, debilitam as relações da língua com a vida. Ora, a língua passa a integrar a vida através de enunciados concretos (que a realizam); é igualmente através de enunciados concretos que a vida entra na língua. O enunciado é um núcleo problemático de importância excepcional (BAKHTIN, 2003, p.265).

Sendo o enunciado um elo na cadeia da comunicação verbal e o gênero do discurso uma forma de enunciado em que interagem enunciadores e destinatários, faz-se

necessário conhecer quem são os sujeitos desta cadeia e como participam deste processo de comunicação.

2.2.2 Os Sujeitos na Relação Dialógica

A autoria é uma das questões principais na concepção dialógica da linguagem desenvolvida por Bakhtin. Para ele, a palavra não pertence ao falante unicamente. O ouvinte também está presente de algum modo, bem como todas as falas que antecederam àquele ato de fala do autor. De acordo com esta análise, nenhum falante seria o primeiro a falar sobre determinado tópico de seu discurso.

Cada um de nós encontra um mundo que já foi articulado, elucidado, avaliado de muitos modos diferentes – já falado por alguém. Ao usar as palavras para falar sobre um determinado tópico, encontramos-no já habitado por outras falas de outras pessoas. Para Bakhtin, a linguagem nunca está completa, ela é uma tarefa, um projeto sempre caminhando e sempre inacabado (SOUZA, 1994, p.100).

Quando as reflexões se estendem aos ouvintes e aos falantes, os estudos bakhtinianos consideram “ficção” as definições usadas na lingüística quanto aos papéis destes sujeitos, no momento em que o ouvinte é denominado parceiro do falante. Sugere-se um esquema de processos ativos de discurso no falante e de respectivos processos passivos de recepção e compreensão do discurso no ouvinte. Segundo Bakhtin, não se pode dizer que esses esquemas sejam falsos e que não correspondam a determinados momentos da

realidade. Contudo, quando passam ao objeto real da comunicação se transformam em “ficção científica” (BAKHTIN, 2003, p.271).

Na teoria bakhtiniana, o ouvinte ao perceber e compreender o significado lingüístico do discurso ocupa em relação a ele uma posição responsiva, quer dizer, concorda ou discorda, completa-o, etc. Esta posição responsiva do ouvinte é formada já a partir do início do processo de audição.

Toda compreensão de uma fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva (embora o grau desse ativismo seja bastante diverso); toda compreensão é prenhe de resposta e nesta ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna o falante. A compreensão passiva de significado do discurso ouvido é apenas um momento abstrato da compreensão ativamente responsiva real e plena que se atualiza na subsequente resposta em voz real e alta (BAKHTIN, 2003, p.272).

A resposta pode não aparecer logo após o enunciado nem logo depois de pronunciada. A compreensão ativa pode ser realizada imediatamente à ação, mas pode permanecer silenciosa. Ele complementa esta reflexão quando sugere que “cedo ou tarde, o que foi ouvido e ativamente entendido responde nos discursos subsequentes ou no comportamento do ouvinte” (BAKHTIN, 2003, p.272).

A partir destes estudos, considera-se que o próprio falante espere esta resposta, além da compreensão de que seu discurso seja como for a forma de resposta. Ao iniciar o discurso, o falante pressupõe conhecimento do ouvinte, ou pelo menos a existência de um

sistema de língua; baseia-se em outros enunciados e, assim, cada enunciado pronunciado pelo locutor é um elo da cadeia muito complexo de outros enunciados.

No processo de compreensão, a cada palavra do outro existem palavras do próprio “eu” que acabam formando réplicas. “Compreender é, portanto, opor a palavra do locutor uma contra palavra. O sentido construído na compreensão ativa e responsiva é o traço de união entre os interlocutores” (SOUZA, 1994, p.109).

Ainda considerando os papéis dos sujeitos na relação dialógica, além do transmissor e do destinatário, Bakhtin adiciona uma terceira pessoa para cada ato de fala. Esta terceira pessoa é chamada destinatário superior. O destinatário superior é aquele que acaba participando do diálogo num certo tempo e espaço. Trata-se de uma análise mais profunda do enunciado. Para completar este raciocínio, Bakhtin fala sobre a natureza da palavra que está sempre em busca de uma compreensão, a qual segue de maneira ilimitada, quer ser sempre ouvida e busca uma compreensão responsiva. “Não existe nem a primeira nem a última palavra e não existem fronteiras para um contexto dialógico” (SOUZA, 1994, p.111).

2.2.3 A Interação Verbal

Para Bakhtin (1981), o conteúdo a exprimir e sua objetivação externa são criados a partir de uma expressão semiótica. Para ele, não existe atividade mental sem expressão semiótica. Então, Bakhtin conclui que o centro formador da atividade mental não está no interior do sujeito, mas fora dele, na própria interação verbal. Bakhtin diz ainda que a

expressão organiza a atividade mental. Sendo assim, a atividade mental do sujeito e sua expressão exterior constituem-se a partir do território social.

Ele diz que o grau de consciência, de clareza, de acabamento formal da atividade mental é diretamente proporcional ao seu grau de orientação social. A linguagem e a fala não são um sistema abstrato das formas lingüísticas, nem um enunciado monológico isolado, mas um evento social da interação verbal. A palavra orienta-se para o destinatário e há uma relação social clara com o sujeito falante. O interlocutor pertence a uma geração, um gênero e uma classe de específicos, é alguém próximo ou afastado de nós. Bakhtin dá o nome de “tato” ao conjunto de códigos que governam a interação verbal.

A palavra é o produto da relação recíproca entre sujeito falante e receptor. O sujeito falante utiliza o estoque disponível de signos sociais, mas o enunciado individual é moldado pelas relações de força envolvidas no tato. Enquanto filósofo da liberdade, Bakhtin defende a livre circulação das palavras sem opressões hierárquicas, defende a liberdade e a energia, em detrimento do discurso oficial e do poder monológico. As palavras tornam-se multi-acentuadas e não têm sentido fixo. Para Bakhtin, “somente dentro de uma realidade social, em que estejam situados o emissor, o receptor e o próprio som, é que se pode pensar a linguagem” (BAKHTIN, 1995).

2.3 CONTRATOS DE LEITURA E VINCULAÇÃO SOCIAL

Quando situamos sujeitos falantes e sujeitos receptores no campo da comunicação midiática, mais especificamente no rádio ou na TV, podemos refletir sobre as definições e aplicações dos enunciados e gêneros do discurso na mídia. Como já citado anteriormente, o

enunciado é definido por Bakhtin (2003) como um elo na cadeia de comunicação verbal, enquanto o gênero do discurso é uma forma de enunciado em que interagem enunciadore e destinatários. Sendo esta pesquisa baseada na comunicação de um grupo de idosos com locutores de emissoras de rádio, faz-se necessário investigar como os sujeitos (emissores e receptores) participam desta cadeia de comunicação em um meio midiático.

Partindo das reflexões bakhtinianas de que as interações entre sujeitos são, antes de tudo, interações de linguagem, é importante destacar que as relações entre os sistemas de comunicação e os receptores variam de acordo com o campo de produção e o que este oferece à recepção. Ao mesmo tempo, existem as apropriações dos discursos. São constituídas assim, as estratégias de produção. Esta lógica baseia-se a partir de pontos de vista distintos. No jornalismo, por exemplo, os profissionais sempre se colocam no lugar do leitor. “Há um saber atribuído ao leitor, mas que deve ser assumido pelo campo da produção com base na pressuposição da sua existência, mas igualmente, da sua condição passiva (não discursiva), o leitor é ‘agido’ pelo campo da produção” (FAUSTO NETO, 1995 *apud* SOUSA, 1995, p.192).

Quando são tratadas questões de mercado, o campo da recepção ocupa uma outra condição. Há técnicas de transmissão da informação que trabalham de acordo com o perfil do leitor para vender melhor o produto. Enfim, podemos dizer que existe uma tentativa do mercado jornalístico ou publicitário de trabalhar o campo da recepção para descobrir mais sobre o sujeito receptor embora ainda não exista por parte do mercado o reconhecimento da comunicação a partir de funcionamentos mais complexos, lógicas e regras simbólicas. “A recepção não é uma abstração. Ela é construída discursivamente” (FAUSTO NETO, 1995 *apud* SOUSA, 1995, p.194).

Desta forma, ao questionar o modelo clássico de comunicação, a partir de análises teóricas sobre a linguagem e o dialogismo, por exemplo, podemos refletir sobre a possibilidade de todo sujeito produzir e receber discursos. “Esta capacidade do sujeito de se inscrever enquanto tal decorre, pois, do trabalho que faz sobre o campo do outro, trabalho este singular porque introduz àquele que fala na sua fala, operação que é constitutiva do ato de enunciação” (FAUSTO NETO, 1995 *apud* SOUSA, 1995, p.197).

Neste contexto, a linguagem é o campo privilegiado para produção e circulação dos discursos. A maneira como se dão as interações entre campos e atores passa pelos “jogos de linguagem”. Sendo assim, as relações entre os sujeitos são relações simbólicas que se formam por meio dos contratos de leitura.

Verón (1983) define Contrato de Leitura como a relação entre o suporte e sua leitura, ou ainda, como os meios de comunicação procuram construir um vínculo ativo com o receptor. Ele chama atenção para o fato de que o sucesso de um veículo pode ser medido pela sua capacidade de propor um contrato em que se articulem expectativas e motivações aos interesses, aos conteúdos de imaginário do alvo visado; de evoluir um contrato de leitura, de maneira a seguir a evolução sócio-cultural dos leitores e de modificar seu contrato de leitura se a situação de concorrência exigir, fazendo isso de uma maneira coerente. O autor supracitado diz também que o contrato de leitura preenche uma lacuna importante nas análises dos veículos de comunicação já que permite a compreensão de como os veículos constroem os laços com o público.

Um discurso é um espaço habitado, pleno de atores, de decorações e de objetos, e ler é “colocar em movimento” este universo aceitando ou refutando, indo mais à direita ou à esquerda, investindo mais ou menos esforço, escutando com uma orelha ou duas. Ler é fazer: é preciso, pois acabar com a abordagem tradicional que se limita a caracterizar o leitor objetivamente, isto é, passivamente em termos

de estilo de vida, sem jamais se colocar a questão do saber o que ele faz, ou o que ele não faz, quando lê (VERON, 1983, p.55).

Verón (1983) explica que se o vínculo entre o receptor e o enunciador é a chave para entender o contrato de leitura, o que resulta desta relação está além dos conteúdos dos enunciados.

Os contratos ainda podem ser entendidos como um acordo efetivo-intelectivo que os *media* e o público estabelecem entre si. Os contratos revelam a opção do receptor não apenas por um modo de se mostrar o mundo, mas denotam definições a partir de identificações e representações que se estabelecem a partir do político e do ideológico, da ética e da moral, do estético e do psicológico (SALOMÃO, 2003, p.45). Sendo assim, os contratos podem constituir-se não apenas em uma ferramenta importante de diagnóstico, mas também de estratégia para os veículos que surjam ou que busquem adequações e redefinições de caráter estético e editorial.

Ao lançar questões sobre o destinatário e problematizar os processos de produção e distribuição das mensagens, a elaboração dos contratos pode dimensionar bem e modalizar a constituição da programação do veículo/produto, além de fazer deste um processo, dentro do possível, controlado e consciente. Em função da exigência do público, estes contratos podem ser modificados. Há sempre uma busca constante de identificação e aproximação com o público. A credibilidade de alguns veículos demonstra a espécie de contrato de leitura estabelecido. Em alguns casos, o público acredita apenas na informação, quando determinada emissora ou determinado programa divulga o fato.

Os contratos de leitura abrem, portanto, possibilidades de interação entre os campos da emissão e da recepção. Dentro dos contratos de leitura, podemos encontrar as marcas dos enunciadores, a especificidade do discurso e ainda outros saberes que estão vinculados a uma condição de produção imposta no contrato.

Fausto Neto (1995 *apud* SOUZA, 1995, p.201) diz que uma das conseqüências do contrato de leitura é a construção da noção do real, na medida em que os contratos visam levar o sujeito para o interior das cenas ou para mostrar a ele a realidade.

O autor supracitado lembra que o receptor é uma construção social fundamentalmente discursiva porque é nomeado pelos processos de hierarquização dos contratos de leitura. Este mesmo receptor ao mesmo tempo em que é construído no imaginário discursivo é convidado a trabalhar segundo as regras do contrato. Como nesta dissertação, as aplicabilidades dos conceitos teóricos citados neste capítulo serão testadas em um estudo de caso com um grupo de idosos e locutores de rádios AM locais, faz-se necessário conhecer um pouco mais da linguagem do rádio e a participação do emissor e do ouvinte no cotidiano da radiodifusão. Este conhecimento sugere caminhos para a interpretação do objeto pesquisado.

3 O RÁDIO

Este capítulo contextualiza a radiodifusão, a partir de reflexões acerca da linguagem adotada no rádio, o conteúdo da informação transmitida, os efeitos desta informação e os papéis dos sujeitos na transmissão e recepção. Os esclarecimentos se fazem necessários para uma melhor análise quanto a esta dissertação, na qual a teoria dialógica de Bakhtin é aplicada com ouvintes e comunicadores de rádios AM. Este capítulo apresenta reflexões sobre o poder da palavra e a função do ouvido, observados quando se questiona o tipo de conhecimento sobre a realidade construída pelo rádio. O dialogismo e a intersubjetividade aparecem como propostas de reflexão sobre esta comunicação.

Nesta dissertação, é possível acompanhar também como ocorre o processo comunicativo no rádio a partir do cotidiano e das interações sociais. Emissor, receptor e o próprio som são situados a partir das características do meio. A oralidade no rádio é abordada como a multiplicidade de vozes que regem o discurso e direcionam as mensagens. O papel do ouvinte enquanto sujeito ativo e o papel do locutor interativo na relação com o ouvinte são apresentados. Há uma reflexão sobre a constituição dos sujeitos, um frente ao outro. A partir da teoria dialógica de Bakhtin, em que é impossível pensar no homem fora das relações que o ligam ao outro, questiona-se este processo de auto-reconhecimento pelo reconhecimento deste outro em um movimento de alteridade.

3.1 DIALOGISMO, LINGUAGEM E INTERSUBJETIVIDADE NO RÁDIO

Bakhtin (1992) argumenta que percebemos o que vemos como algo externo ao corpo, enquanto o que ouvimos ressoa dentro de nós. Bachelard (1993) diz que a ausência

da imagem é a chave para penetrar no mundo interior do ouvinte. Barthes (1984) reflete sobre a função do ouvido e o papel da palavra no rádio. Ele descreve o papel que o rádio desempenhou na França em maio de 1968 quando a palavra “colou ao acontecimento”:

“A palavra radiofônica colou ao acontecimento na medida em que se ia produzindo de maneira ofegante, dramática, dando a idéia de que o conhecimento da atualidade já não é a partir de agora da ordem do impresso, mas sim da ordem da palavra. A história quente, em elaboração, é uma história auditiva (...). Não é tudo. A palavra informativa (do repórter) foi tão estreitamente misturada ao acontecimento, à própria opacidade do seu presente (basta recordar algumas noites de barricadas) que era o seu sentido imediato e consubstancial, a maneira de acender a um inteligível instantâneo; isto quer dizer que, nos termos da cultura ocidental, em que nada pode ser percebido, privado de sentido, ela era o próprio acontecimento. A distância milenar entre o ato e o discurso, o acontecimento e o testemunho encurtou-se (...)” (BARTHES, 1984, p.177-178).

Estas reflexões sugerem repensar a linguagem adotada pelo rádio e o papel dos sujeitos que participam da comunicação neste meio. Oito décadas depois da grande descoberta do transistor, as características do rádio e a influência das mesmas no cotidiano da população apresentam descobertas e desdobramentos. Em Mattelart e Mattelart (1999), encontramos reflexões sobre o reconhecimento do sujeito e da necessidade de percepção de uma subjetividade, de onde surgem também os questionamentos sobre o processo dialógico da comunicação, em que a verdade nasce da intersubjetividade.

No capítulo anterior deste trabalho, acompanhamos algumas das críticas de Bakhtin (1979) sobre os papéis do emissor e do receptor. Segundo ele, ao posicionar o receptor como “parceiro” do locutor, a imagem do processo da comunicação é distorcida, já que há um esquema ativo de fala e passivo de recepção. Em relação a esta idéia, Bakhtin argumenta:

(...) não pode se dizer que estes esquemas estão errados e não respondem a certos aspectos reais, mas quando estes esquemas pretendem representar um todo real da comunicação, verbal, se transformam em ficção científica (...). A compreensão de uma fala viva, de um enunciado vivo, é sempre acompanhada de uma atitude responsiva ativa (BAKHTIN, 1979, p.290).

Ao analisar a construção da intersubjetividade no rádio com a participação do receptor, com base na teoria dialógica de Bakhtin, Medisch (2001) reflete sobre a forma como esta intersubjetividade se constrói. Ele aponta os questionamentos em relação à veracidade do discurso no rádio a partir das novas descobertas. Segundo Meditsch, há um diferente ponto de vista que busca esclarecer a questão e considera que o paradigma da intersubjetividade, ao considerar o discurso, enquanto uso da linguagem, como forma de interação social, propõe uma alteração nos critérios de aferição de verdade no conhecimento: desloca este critério tanto da objetividade ideal quanto da subjetividade e o recoloca na prática, que contém as duas. Citando Toulmin (1994), Meditsch (2001) complementa quando afirma que esta “prática” só pode ser compreendida “num mundo interpessoal de interações públicas” (TOUMIN, 1994 *apud* MEDITSCH 2001, p.27).

MEDITSCH (2001) informa-nos que desde os estudos de Lazarsfeld, o qual estudou os efeitos do rádio na década de 40, era preciso saber como os “sujeitos ativos” estavam presentes na comunicação radiofônica.

A partir destas reflexões, verifica-se que para estudar o que representa o conteúdo construído no rádio na perspectiva da intersubjetividade, é necessário desvendar a ação subjetiva do ouvinte e o papel do comunicador como sujeito ativo nesta comunicação. Sabe-se que os questionamentos sobre o conteúdo, os papéis dos sujeitos e os efeitos da informação radiofônica vieram para o debate já em 1930, quando a transmissão da

adaptação do romance “A Guerra dos Mundos”, de Herbert George Wells, escrito em 1897, abalou os moradores de uma cidade norte americana.

“De nada adiantou Orson Welles explicar no final da estória, que tudo não passara de uma brincadeira pelo tradicional Dia das Bruxas: o estrago estava feito. A tênue fronteira entre dois gêneros do discurso radiofônico, o jornalismo e a ficção já havia sido arrombada. Comprovou-se então, o quê os teóricos da linguagem, como BAKHTIN e BARTHES procuram demonstrar há décadas: os gêneros do discurso não pertencem unicamente aos emissores, são também propriedade do público, forjados por cada cultura num diálogo social ininterrupto que se perde nas raízes do tempo. O desrespeito a esta construção coletiva leva à incomunicação ou à convulsão” (MEDITSCH, 1998, p.35).

A reflexão de Medisch (1998) sobre a transmissão radiofônica de 1938 chama o debate em torno da linguagem adotada pela emissora que transmitiu o programa. A informação repassada aos ouvintes nada tinha a ver com a invasão de marcianos na Terra, como o locutor descrevia.

“Desta forma, a confusão provocada nos ouvintes na transmissão da adaptação de “A Guerra dos Mundos”, para ser evitada, requereria a reiteração, diversas vezes, ao longo do programa, da informação que se tratava da adaptação de um romance” (MEDITSCH, 1998, p.34). A partir deste episódio, os questionamentos sobre os gêneros e a linguagem no rádio são observados pelos códigos de ética e legislações de radiodifusão.

“O roteiro assinado por Howard Koch, produzido sob orientação do diretor Orson Welles e do produtor John Houseman será recordado como uma autêntica obra-prima, que revelou todo o poder da magia do rádio, inclusive para iludir o público, tanto em causas boas e belas, como na da arte e do entretenimento, como em outras, mais trágicas, como a da exploração da ignorância das massas para mobilizá-las à guerra e mantê-las sob domínio” (MEDITSCH, 1998, p.35).

O depoimento de Meditsch (1998) reitera a importância da transmissão de 1938 como um marco na reflexão acerca do poder de mobilização do rádio, tanto para as boas causas como para a exploração do ser humano.

3.2 O PROCESSO COMUNICATIVO

No jornalismo, a função de repasse de informações pressupõe não somente a informação transmitida pelo jornalista responsável pelo conteúdo em questão, mas também outros atores sociais. Por isso, “o gênero jornalístico é fortemente marcado pela intertextualidade e seus enunciados caracterizados quase sempre por um sentido polifônico: raramente quem fala é apenas o jornalista: é comum a mescla de sua fala com discursos de outrem que reproduz” (FAIRCLOUGH, 1995 *apud* MEDITSCH, 2001, p.89).

No rádio, a intertextualidade polifônica do discurso jornalístico se faz por intermédio de novos dispositivos de comunicação como a gravação magnética e o telefone. Há então uma grande variedade de vozes e de discursos.

Silva (1999) discute a linguagem radiofônica ao tomar a radiofonia como resultado de uma multiplicidade de oralidades e vozes:

(...) a linguagem radiofônica não é exclusivamente verbal-oral, mas resultado de uma semiose de elementos sonoros: trilha, efeito ruído e silêncio que perdem sua unidade ao serem inseridos em um meio acústico coordenado pelo tempo para comporem um todo, que é a obra radiofônica. (SILVA, 1999, p.17).

Ao analisar o texto radiofônico, Silva (1999) diz que o rádio lança signos e luta para perpetuar a sua mensagem na memória dos rádio-ouvintes. “Sem possibilidade de retorno ou correção, o signo sonoro, efêmero e inscrito temporalmente, encontra em cada

ouvinte a sua possibilidade de ressonância e, portanto, de perpetuação” (SILVA, 1999, p.41).

Com a invenção do transistor, o rádio passou a ter mobilidade e os ouvintes aumentaram a capacidade de interagir porque podiam escutar rádio em qualquer lugar e a qualquer hora. Características como imediatismo, instantaneidade e sensorialidade passaram a incrementar ainda mais a relação locutor-ouvinte. Sobre esta relação, Ortriwano argumenta que:

o rádio envolve o ouvinte , fazendo-o participar por intermédio da criação de um diálogo mental com o emissor : é a sensorialidade que se faz presente. O ouvinte visualiza o fato narrado através dos estímulos sonoros que recebe, da entonação vocal, da tonalidade, do ritmo da mensagem. A imaginação é despertada pela emocionalidade das palavras e dos recursos de sonoplastia, permitindo que o receptor de asas às suas expectativas individuais, à sua imaginação (ORTRIWANO,1985, p.145).

Brecht (1993) sonhou com um uso revolucionário para o rádio já em 1930 e trouxe para o debate a participação do ouvinte no processo de comunicação. Brecht não queria que o rádio se transformasse num veículo de transmissão unilateral e vislumbrava a utilização sócio-política-ideológica do mesmo:

A radiodifusão poderia ser transformada de aparelho de distribuição em aparelho de comunicação. Poderia ser o mais fantástico meio de comunicação imaginável na vida pública, um imenso sistema de canalização. Quer dizer: isto se não somente fosse capaz de emitir, como também de receber; em outras palavras, se conseguisse que o ouvinte não se limitasse a escutar, mas também falasse, não ficasse isolado, mas relacionado (BRECHT, 1993, p.15).

Arnheim (1936 *apud* MEDITSCH, 1998, p.31) também via o veículo como revolucionário, mas acreditava no rádio como meio de expressão artística. Ele posicionava

sua interpretação da linguagem radiofônica para a estética e criticava a simples retransmissão de óperas e apresentações teatrais, em contrapartida, defendia produções próprias para rádio. Para ele, o fato de o rádio se expressar exclusivamente pelo audível, o torna capaz de oferecer a totalidade, portanto, capaz de produzir arte.

Adorno (1993) questiona o caráter mercantil das notícias e entretenimento no rádio, bem como chama atenção para as pesquisas realizadas, principalmente em 1940, para testar os efeitos causados pelo rádio junto à população. Este pesquisador argumentava que, para estudar as atitudes dos ouvintes, era necessário analisar o comportamento social condicionado pela estrutura e também o comportamento da sociedade. Somente tal procedimento levaria a uma verdadeira crítica social do rádio, situando o meio de comunicação da época dentro de uma lógica mercadológica da sociedade de massas, que faz e consome a comunicação como uma mercadoria.

Barbero (1983) observou todas estas características quando se referiu à recepção como lugar novo onde era possível e necessário repensar todo o processo da comunicação. Mozahir Salomão (2003) diz que o “ouvinte está sendo estimulado a todo momento a efetivar a participação no rádio. Da sucessão entre o vivido e imaginário, entre o mundano e o memorial, emerge o sentido” (SALOMÃO, 2003, p.68). Segundo este autor, as experiências que o indivíduo constrói a partir da recepção radiofônica são de enorme riqueza e estimulação dos sentidos e da imaginação. Segundo ele, é uma forma de conectar-se ao mundo midiático - isto pode proporcionar uma sociabilidade que se torna possível pelo compartilhamento de experiências entre ouvintes de uma mesma emissora, uma mesma programação. Assim, Salomão indaga a maneira como atuam os jornalistas e demais comunicadores do rádio para ofertar ao ouvinte esta condição, essa tentativa de construção de uma identidade. Num primeiro momento, ele aponta a percepção sensorial

esteticamente determinada, o critério primeiro para optar por esta ou aquela emissora. Ele chama a atenção para conceitos como recepção, razão, sensibilidade e experiência estética para ajudar a identificar como se dá a audição radiofônica e entender como acontece a concretização dos processos comunicativos. No caso do rádio, da comunicação baseada na sensorialidade e na oralidade, é oferecido ao consumidor da mensagem um eterno convite à imaginação, uma experiência estética.

Ao observar tais reflexões sobre o processo comunicativo no rádio, podemos retornar aos conceitos de Bakhtin acerca da linguagem para estabelecer uma relação da teoria bakhtiniana com a comunicação na radiodifusão. Em seus estudos, ao observar o fenômeno da linguagem, Bakhtin aponta para a necessidade de situar os sujeitos, emissor e receptor e também o próprio som (enquanto fenômeno puramente acústico) no meio social. De acordo com Bakhtin, é indispensável que os dois sujeitos, emissor e receptor, pertençam à mesma comunidade lingüística e a uma sociedade claramente organizada.

“E mais, é indispensável que estes dois indivíduos estejam integrados na unicidade da situação social imediata, quer dizer, que tenham uma relação de pessoa para pessoa sobre um terreno bem definido. É apenas sobre este terreno preciso que a troca lingüística se torna possível; um terreno de acordo ocasional não se presta a isso, mesmo que haja comunhão de espírito. Portanto, a unicidade do meio social e a do contexto social imediato são condições absolutamente indispensáveis para que o complexo físico-psíquico-fisiológico que definimos possa ser vinculado à língua, à fala, possa tornar-se um fato da linguagem”. (BAKHTIN, 2003).

No rádio, todos esses fatores da linguagem citados por Bakhtin devem ser observados a partir da oralidade radiofônica, que sugere, inclusive, intermediação na comunicação entre locutor e ouvinte.

3.3 A ORALIDADE

Em Bianco e Moreira (1999), Cunha (1999) define oralidade como característica primária da humanidade, como a pioneira das relações com o mundo já que “as primeiras relações com o mundo externo, por exemplo, acontecem na fase oral, ainda na infância”. Ela diz que a oralidade nunca ficou de fora quando se trata da evolução das comunicações e ressalta que a televisão agregou a imagem ao som produzido pelo rádio. Sendo assim, o som e a narração demonstraram sua força

Ao se elaborar um texto para ser oralizado, ou seja, que conte com a intervenção da voz, de antemão devemos ter em mente que, ao final, teremos algo diferente do que fora elaborado a partir da escrita. Até mesmo um texto que em princípio não é pensado em termos de oralidade, ao ser vocalizado adquire materialidade e, portanto, identidade diferente (SILVA, 1999, p. 54).

Para Silva (1999), apesar da tecnologia da escrita e das telecomunicações, o rádio aproxima-se da lógica das produções das culturas baseadas na voz, quando a palavra nele oralizada ultrapassa seu aspecto referencial, de signo simbólico, para ser ação-acontecimento, tal como ocorre para a tradição oral. “Portanto, é possível observar na estruturação de alguns textos radiofônicos, a reatualização dos signos peculiares à oralidade e, conseqüentemente, a sua lógica que coordena a organização dos textos orais a partir da justa posição de seus elementos” (SILVA, 1999, p.42).

A autora supracitada enfatiza as possibilidades encontradas no texto verbal-escrito produzido para a rádio, em que é possível

extrapolar a lógica da língua, desverbalizando as palavras, buscando no ritmo das vogais abertas, nas rimas e na estruturação coordenada dos elementos da oração recuperar as qualidades de seu referente, aproximando-se dessa forma, muito mais da organização dos textos orais desenvolvidos pelas comunidades que não tinham o signo escrito para intermediar suas comunicações, mas que tinham a língua como modo de ação (SILVA, 1999, p.44).

Ela assinala também, no caso dos textos orais, a importância da *performance* do ator que participa do processo de comunicação, bem como estabelece sentido e significações ao texto. Ao analisar situações de oralidade, Zumthor (1993 *apud* SILVA, 1999) divide as situações comunicativas em oralidade primária - característica de uma sociedade baseada na voz, sem contato com a escrita; oralidade mista, que coexiste com a escrita, mas na qual a influência da escrita permanece parcial; a oralidade secundária que pronuncia o que foi anteriormente pensado em termos de escrita; a oralidade mediatizada, ou seja, aquela realizada por meios auditivos e audiovisuais. “A oralidade mediatizada, por sua vez, coexiste com a escrita (oralidade mista) e apresenta textos previamente organizados pela escrita (oralidade secundária). No entanto, é a especificidade de cada veículo que determina o peso que o pensamento lógico-discursivo da escrita tem sobre a organização de seus textos” (SILVA, 1999, p.49).

No rádio, existem textos que são frutos de improvisação, principalmente nas FMs. Estes textos não passam por nenhum processo de escrita. Existem também os textos retirados diretamente da mídia impressa e que não sofrem qualquer tipo de adequação para o rádio. Esta prática é conhecida no jornalismo como gilete-press e faz parte da rotina da maioria das rádios brasileiras. Alguns autores criticam esta prática e apontam estes procedimentos como responsáveis pela desvalorização do rádio como mídia e desvalorização da linguagem radiofônica.

Como oralidade mediatizada, o texto radiofônico apresenta na organização sintática de seu texto verbal-escrito características que nos remetem às do texto oral, abrindo possibilidades de exploração singulares em relação aos demais veículos, ao mesmo tempo em que convive com o sistema da escrita (...) isto revela que o rádio é resultado de inúmeras oralidades (SILVA, 1999, p. 50).

Meditsch (1998 *apud* BIANCO e MOREIRA, 1999, p.110) critica a ênfase dada, inclusive nas escolas de comunicação, à aparência de oralidade como diferença da linguagem do veículo em relação à escrita. Para Meditsch, isto implica em preconceitos da concepção sobre o rádio como meio de comunicação: “(...) essa oralidade é virtual, aparente, e só se realiza num processo de produção estruturado com base na escrita e em formas de registro eletrônico”.

Numa reflexão mais abrangente, esta discussão sobre oralidade poderia ser remetida às análises bakhtinianas de enunciação e gênero do discurso, as quais possibilitariam maior significação das mensagens recebidas e transmitidas no rádio.

As reflexões acerca das técnicas na estruturação e comunicação do pensamento e da oralidade criadas pela tecnologia eletrônica estabelecem, segundo Meditsch (1999, p.111), o discurso do rádio como produto intelectual eletrônico que se distingue tanto da oralidade quanto da escrita.

Essas afirmações nos levam à discussão em torno da hegemonia do texto que é imposta pela cultura letrada ao rádio. Embora a palavra seja, a princípio, um efeito sonoro no rádio, sabe-se que a escrita criou seus próprios caminhos e, por conseguinte, se distanciou do oral. A tipografia mudou hábitos e formas de pensar. As mesmas dificuldades

encontradas pelo discurso do rádio desde a sua origem continuam, tais como transformar em forma sonora os conteúdos utilizados na imprensa.

Num primeiro momento, pensou-se inclusive em transmitir pelo rádio tudo que era registrado na imprensa. Nesta época, o locutor se tornou neutro, impessoal. Mas a fórmula não deu certo. Era preciso considerar as diferentes comunidades, os diferentes grupos, os diferentes falares. Para Barthes (1984), é impossível dotar a voz humana de neutralidade. Segundo ele, em toda fala há um grão da voz. Arhheim (1936) cita também a existência da fisionomia da voz que acabava por denunciar personalidades. Arnheim reconheceu o rádio como o meio que pode criar um mundo acústico da realidade, um mundo mediado pelo som, seja pela sonoplastia ou pelas palavras. Aos poucos, a importância da voz foi percebida nas funções desempenhadas pela comunicação radiofônica.

No radiojornalismo, a voz do locutor acaba sempre situando o ouvinte com a emissora, o programa. As vozes também sinalizam os ouvintes para diversos momentos da programação. O radiojornalismo esportivo é outro exemplo da importância da presença do som. Mesmo que estejam vendo a marcação de um gol, os torcedores somente pularão para torcer quando ouvirem o grito do narrador (BIANCO e MOREIRA, 1999).

Com a estreia da televisão, o rádio precisou se readaptar quanto a sua forma de transmitir informação. As emissoras criaram fórmulas para sobreviverem no mercado ao convidarem o público a participar de sorteios e brincadeiras. As emissoras investiram, principalmente, na comunicação entre locutores e ouvintes, a qual passou a ser mais dinâmica e interativa.

“(...) o rádio é o responsável pelo incremento da forma, dotando a narrativa inicial de uma oralidade que reforça o mito e oportuniza ao enredo novos sons e silêncios (...) a peça, que mimeticamente recria a onipotência e a onisciência da própria mídia, reordena os signos e realiza-se como linguagem comunicativa. Sobre os objetos, construídos discursivamente, desdobra-se a metalinguagem. E, já no interior dessa ficção, onde o narrador coletivo é um demiurgo, também o ouvinte quase tudo sabe, quase tudo ‘vê’, mesmo sob pânico” (MEDITSCH, 1998, p.25, 26).

O depoimento acima sugere a interatividade entre ouvinte e comunicador no rádio e a participação cada vez mais ativa do ouvinte que vivencia o que ouve a partir dos sons, dos silêncios e da narrativa do locutor.

3.4 O OUVINTE

A recepção no rádio demonstra sua força de percepção das mensagens desde as primeiras transmissões. O poder de sugestão na palavra sonora e invisível (Meditich, 1998) revolucionou a comunicação eletrônica. McLuhan (1964) observou que o rádio toca em profundidades subliminares da mente e que as palavras desacompanhadas de imagem, como quando conversamos no escuro, ganham uma textura mais densa e mais rica. Rodrigues (1988) relaciona a força psicológica do rádio à voz primordial que ouvimos no útero da mãe.

O zoom perceptivo, expressão usada por Meditsch (1998), caracteriza a audição no rádio, já que, junto aos estímulos auditivos estão os visuais, olfativos e táteis, os quais transformam o diálogo em algo prazeroso, sugestivo e revolucionário. A imagem é aquela construída pela mente e, por isso mesmo, ganha força e credibilidade por parte do próprio ouvinte. O rádio fala para cada um dos ouvintes. Esta forma de transmissão alterou a produção de informações. Emissão e recepção em tempo real formam uma sintonia e criam

um modo de comunicação. Ao analisar quem é o receptor no rádio informativo, vamos citar Lazarfield (1940 *apud* MEDISCH, 1998, p.225) que alega ser necessário descobrir, já em um primeiro momento, quem é esse receptor. Mas, também, precisamos observar a condição segmentada desta transmissão de informação. Geralmente o emissor do rádio conhece as características do público. “Esse diferente auditório condiciona a retórica de sua informação” (MEDISCH, 2001, p.248).

Se o profissional de rádio dirige a sua comunicação como se fosse endereçada a cada um, isso é facilitado por conhecer as características de seu público e permite enquadrar muitos ouvintes num mesmo tratamento pessoal (MEDISCH, 2001, p.248). Outra característica importante a ser observada é a fidelidade dos ouvintes a suas emissoras e, principalmente, a seus emissores. Para Meditsch (2001), esse fenômeno não estabelece um fechamento que transforme o rádio informativo em um objeto de leitura única. Segundo ele, acontece uma homogeneidade da audiência que é diretamente proporcional à segmentação do público. Este autor ainda ressalta a relevância do processo de segmentação no rádio, a qual interfere na construção social do conhecimento e na própria ação social. Exemplos disso são os serviços de utilidade pública, as ações junto aos ouvintes para campanhas de arrecadação de roupas e alimentos, campanhas de vacinação, de prevenção de doenças e acidentes, etc.

Partindo-se da reflexão de que as interações entre sujeitos são antes de tudo interações de linguagem, faz-se necessário lembrar a teoria bakhtiniana, na qual o ouvinte não recebe mais passivamente a mensagem quando comparada à resposta ao emissor sobre as mensagens recebidas, posto que estas apresentam reações responsivas (BAKHTIN, 1998). A partir destas reflexões, analisa-se a possibilidade de todo sujeito produzir e receber discursos também no rádio.

Pode-se dar a possibilidade ao sujeito de participar do processo de emissão. “Esta capacidade do sujeito de se inscrever enquanto tal decorre, pois, do trabalho que faz sobre o campo do outro, trabalho este singular, porque introduz aquele que fala na sua fala, operação que é constitutiva do ato de enunciação” (FAUSTO, 1995 *apud* SOUSA, 1995, p.197).

Neste contexto, a linguagem é o campo privilegiado para produção e circulação dos discursos. Novamente podemos recorrer à teoria dialógica de Bakhtin e relacioná-la com a comunicação no rádio. Ao analisar a relação ouvinte-emissor no diálogo, Bakhtin aponta uma atitude responsiva ativa a partir das mensagens recebidas pelo emissor. No rádio, esta teoria é observada, pois, de fato:

“(…) o ouvinte que recebe e compreende a significação (lingüística) de um discurso adota simultaneamente para com este discurso uma atitude responsiva ativa: ele concorda ou discorda (total ou parcialmente), completa, adapta, apronta-se para executar, etc., e essa atitude do ouvinte está em elaboração constante durante todo o processo de audição e de compreensão desde o início do discurso, às vezes já nas primeiras palavras emitidas pelo locutor (...). A compreensão passiva das significações do discurso ouvido é apenas o elemento abstrato de um fato real que é o todo constituído pela compreensão responsiva ativa e que se materializa no ato real da resposta fônica subsequente. Uma resposta fônica, claro, não sucede infalivelmente ao enunciado fônico que a suscita: a compreensão responsiva ativa do que foi ouvido (por exemplo, no caso de uma ordem dada) pode realizar-se diretamente como um ato (a execução da ordem compreendida e acatada), pode permanecer, por certo lapso de tempo, compreensão responsiva muda (certos gêneros do discurso fundamentam-se neste tipo de compreensão: gêneros líricos), mas neste caso, trata-se, poderíamos dizer, de uma compreensão responsiva de origem retardada: cedo ou tarde, o que foi ouvido e compreendido de modo ativo encontrará um eco no discurso ou no comportamento subsequente do ouvinte” (BAKHTIN, 1979, p.290).

Ao partir para análise das atitudes dos ouvintes diante das mensagens, sendo essas imediatas ou retardadas, faz-se necessário também refletir sobre as formas como a recepção acontece no rádio.

3.4.1 O Papel do Silêncio na Recepção

Baumworcel (1998 *apud* MEDITSCH 1998, p. 45) diz que o silêncio em um meio sonoro como o rádio foi importante em “A Guerra dos Mundos” para dar sentido às palavras, às músicas, aos efeitos sonoros. “O silêncio é a grande meditação para a interpretação” cita a autora.

Baumworcel sugere que se faça silêncio para pensar na ideologia da comunicação da sociedade contemporânea que se expressa pela urgência do dizer. Orlandi (1995) diz que, ao negar sua relação com o silêncio, o homem não se dá tempo de trabalhar a diferença entre falar e significar.

É preciso refletir como o silêncio contribui para a formação e a materialização da imagem mental e, assim, fazer com que o ouvinte não seja um receptor passivo e “crie sua própria cenografia num espaço infinito de escuridão (...). O receptor é um “ouvido que divaga” (PORTO, 1996 *apud* MEDITSCH, 1998, p. 46).

Sendo o ouvido um órgão sempre aberto, que não dorme e que estabelece conexão imediata com camadas profundas da mente, é ele que alcança o inconsciente, produz vivências e sonhos, bem como desperta a imaginação (BAUMWORCEL, 1998 *apud* MEDITSCH, 1998, p. 46).

O silêncio permite ao dizer a possibilidade de ter vários significados. O autor constrói a dramaturgia da realidade, mas é o ouvinte que, em silêncio, inventa suas próprias ilusões. É o caráter de incompletude da linguagem. Como diz Orlandi (1995), é a incompletude que produz a possibilidade do múltiplo, base da polissemia. O silêncio preside esta possibilidade. Este autor ainda afirma que o silêncio é um lugar de recuo

necessário para que se possa significar, para que o sentido faça sentido. Além disso, o silêncio abre espaço para o movimento do sujeito. Orlandi lembra que silêncio na etimologia, *silentium* – significa mar profundo e como para o mar, é na profundidade, no silêncio, que está o real do sentido.

O silêncio, inserido entre as sensações acústicas produzidas pelo rádio, pode servir, ainda, de elemento distanciador, que permite a reflexão e obriga o receptor a adotar uma atitude ativa para preencher um vazio.

“O silêncio delimita núcleos narrativos construindo um movimento afetivo e contribuindo para a percepção sonora e imaginativa -visual do ouvinte. Ele também dá conotação afetiva à palavra” (BAUMWORCEL, 1998 *apud* MEDISTCH, 1998, p. 47).

Orlandi (1995) esclarece que, o ato de falar é o de separar, distinguir e, paradoxalmente, vislumbrar o silêncio. Este gesto disciplina o significar, pois já é um projeto de sedentarização do sentido. A linguagem estabiliza o movimento dos sentidos. O silêncio, ao contrário, intensifica as possibilidades do sentir. Orlandi classifica o silêncio como fundador, originário e constitutivo da própria linguagem verbal. Para Authier (1990), o silêncio seria como espaço de heterogeneidade enunciativa. Este conceito abrange, entre outras, a dimensão dialógica da linguagem ao refletir a partir da concepção de Bakhtiniana.

Ao apresentar o silêncio como uma ruptura que deixa ao ouvinte o lugar de co-autor da narrativa, esta pesquisa sugere a participação do silêncio no âmbito da heterogeneidade enunciativa, quer dizer, possibilita enunciados diversos no rádio, a partir das reflexões que o mesmo proporciona.

3.4.2 O Cenário Acústico do Rádio e sua Influência na Recepção

Os efeitos sonoros produzidos pelo rádio nos dão elementos para pensar o papel dos efeitos e ruídos na comunicação radiofônica. Os ruídos sugerem uma atmosfera emocional de uma situação ou de um personagem, assim como a música. Podem ainda ter função narrativa, além de servirem de nexos para ligar uma cena à outra ou até mesmo serem apenas ornamentais, para dar um colorido à trama. A partir destas reflexões, vamos chegar à associação destes efeitos sonoros com a palavra. Em muitos casos, os sons produzidos e associados com a palavra fazem surgir uma imagem do acontecimento real. Estes sons também podem complementar a palavra. Uma vez construída na mente, esta imagem permanece e serve como referencial. Nesta situação, Esch e Bianco (1998 *apud* MEDITSCH, 1998, p.73) lembram que a ilusão produzida pelo rádio a partir deste cenário acústico se estabelece pelo paradoxo: “o rádio materializa situações reais, referenciadas pelo cotidiano, a partir da imitação e personificação. A representação do real pelos ruídos e efeitos se faz com tamanha força imaginativa que materializa uma ação que não se vê, percebida que é somente pelos ouvidos”.

Sá (1991) explica que o som é uma sensação decorrente da percepção do aparelho auditivo, das ondas provocadas por um objeto em movimento vibratório. O ouvido é o aparato orgânico que transforma as vibrações em imagens mentais e acústicas.

A partir daí podemos percorrer possibilidades que estão em nosso imaginário e que se misturam com a própria cultura em que vivemos. Este espaço da nossa imaginação é representado a partir das nossas experiências e vivências. O receptor busca referenciais para o que ouve a partir do que já conhece, vive ou sente. Ele pode acabar “descobrir um leque de sentidos e significados perante coisas, comportamentos, atitudes, pontos de vista e pensamentos construídos e alimentados no dia-a-dia em nosso contexto cultural” (ESCH E BIANCO, 1998 *apud* MEDITSCH, 1998, p. 70 e 71).

(...) o que efetivamente importa quando estamos no mundo imaginário inventado pelo rádio, não são os distintos sons produzidos ou percebidos isoladamente, mas a reunião destes que termina por sugerir imagens acústicas e remetem seus ouvintes a referenciais mais amplos construídos a partir dos sentimentos vivenciados diante de determinadas situações (ESCH E BIANCO, 1998 *apud* MEDITSCH, 1998, p. 75).

Ao analisar o rádio como veículo de comunicação e os ouvintes com seus condicionamentos derivados do imaginário social popular, com variáveis de ordens material, intelectual e espiritual, é possível encontrar instrumentos de recepção e percepção que incluem não apenas o texto narrado, mas também a música como linguagem. Assim, dentro do cenário acústico, a música apresenta-se como objeto de estudo discursivo.

Para Vela (1998 *apud* MEDITSCH, 1998, p.55), deve-se analisar um programa radiofônico não apenas pelos fatos enraizados, mas também pelo seu significado para o presente da sociedade humana, pelo estudo das relações entre discurso, música e imaginário social popular.

3.5 O EMISSOR

Segundo Bourdieu (1996), nos anos 1920 e 1930, o rádio possuía poder constituído para falar em nome de seus ouvintes. Do veículo vinham informações, nas quais o povo deveria acreditar. Na época, o rádio era utilizado somente para divulgações muito importantes. Para Bourdieu, o uso da linguagem, tanto na maneira como a matéria do discurso, dependia da posição social do locutor. No caso do rádio, o locutor que usava o meio estava autorizado, era o porta-voz. As condições a serem preenchidas para que um

enunciado performativo tivesse êxito dependiam da adequação do locutor, de sua função social e do discurso que ele pronunciava:

Conforme se pode constatar, todos os esforços para encontrar na lógica propriamente lingüística das diferentes formas de argumentação, de retórica e de estilística, o princípio de sua eficácia simbólica, estão condenados ao fracasso quando não logram estabelecer a relação entre as propriedades do discurso, as propriedades daquele que o pronuncia e as propriedades da instituição que o autoriza a pronunciá-lo (BOURDIEU, 1996, p.89).

Bourdieu chama este emissor de porta-voz autorizado.

“Trata-se de um elemento que executa uma representação do público receptor (...). Ele tem a realidade de sua aparência, sendo realmente o que cada um acredita que ele é porque sua realidade (...) está fundada na crença coletiva, garantida pela instituição e materializada (...)” (BORDIEU, 1996, p.105).

Com o passar dos anos e a segmentação da programação radiofônica – readaptada para sobreviver à chegada da televisão - ouvintes e emissores estabeleceram uma nova relação comunicacional no rádio, bem como interagiram com o emissor que também começou a trabalhar de forma ativa na transmissão da informação, à espera de uma resposta do ouvinte.

Nas reflexões de Bakhtin (1998, p.147), o diálogo é o produto da relação de alteridade existente entre duas consciências socialmente organizadas. Assim, para que o locutor apresente-se enquanto sujeito participante deste diálogo é necessário que já seja uma consciência que se reconhece no outro: “aquele que apreende a enunciação de outrem não é um ser mudo, privado da palavra, mas ao contrário, um ser cheio de palavras interiores”.

No rádio, esta relação dialógica entre emissor e ouvinte possibilita uma espécie de “negociação” para maior interatividade na relação comunicacional. Definida por Vèron (1983) no capítulo anterior, esta negociação é o Contrato de Leitura que, segundo ele, preenche uma lacuna importante nas análises dos veículos de comunicação já que permite a compreensão de como os veículos constroem os laços com o público.

Nos contratos de leitura quando o ouvinte liga o rádio e escolhe o *dial*, já se identifica com os atos de fala, ou seja, com o local que é construído para ele pelo enunciador. Salomão (2003) destaca uma “adesão” criada pelos ouvintes, a qual cria uma sensação de extrema aproximação com o locutor e a emissora. Muitos ouvintes apontam determinadas rádios e locutores como relevantes em suas vidas. Enunciadores e ouvintes pactuam e renegociam em todo momento os contratos de leitura que regem o processo midiático. Sendo assim, os contratos de leitura fundam o caráter de permanente audiência de um determinado programa/emissora. O ouvinte acaba valendo-se deste contrato para garantir algumas cláusulas e formas de dizer as coisas como ele compactuou com a emissora.

Bakhtin (1998) diz que é impossível pensar no homem fora das relações que o ligam ao outro. Sua teoria sugere reflexões sobre a efetivação de discursos e construção do sentido nas esferas do emissor e do receptor no universo midiático. Bakhtin (1998) diz que a língua na sua totalidade tem a propriedade de ser dialógica, que não se restringe à comunicação interpessoal.

Há uma dialogização interna da palavra que é sempre perpassada pela palavra do outro, é sempre também a palavra do outro. Sendo assim, a verdade não se encontra no interior de uma só pessoa, mas na interação dialógica entre pessoas que a buscam de modo coletivo. Essas vozes formam um cenário e a unidade da experiência e da verdade do

homem se torna polifônica. “É por isso que a obra de Bakhtin sugere que dialogismo e polifonia fundam-se como características essenciais, a partir das quais o mundo pode ser compreendido e interpretado de muitas e diferentes maneiras, tendo em vista seu estado de permanente mutação e inacabamento” (SALOMÃO, 2003, p.59).

No rádio, a partir destas reflexões sobre os papéis do emissor, do receptor e qual o conteúdo das mensagens transmitidas, a teoria bakhtiniana pode auxiliar no entendimento de uma relação de maior interação e, conseqüentemente, ser mais produtiva entre emissor e receptor com reflexo no meio social.

4 ANÁLISE DA RELAÇÃO COMUNICACIONAL ENTRE O GRUPO DE IDOSOS LAGOA FORMOSA E OS LOCUTORES DAS RÁDIOS AM DA GRANDE FLORIANÓPOLIS SOB A LUZ DA TEORIA BAKHTINIANA DO DIÁLOGO

O objetivo deste quarto capítulo é contextualizar o objeto, descrever a metodologia de análise e promover uma análise dos contratos de leitura entre o grupo pesquisado e os locutores das rádios AM a fim de sugerir que esta comunicação siga a linha dialógica proposta pelo russo Mikhail Bakhtin.

Com este intuito, o início deste capítulo já descreve o objeto de estudo e como se deu a sugestão para esta pesquisa. Em seguida, são apresentados os interlocutores e o perfil que caracteriza os cidadãos idosos¹ no Brasil. Depois, é apresentada a metodologia da análise, a qual descreve os critérios utilizados para realizar a coleta dos dados. Em seguida, são descritas como acontecem as interações ou diálogo entre o grupo e os comunicadores das rádios AM. Por fim, aparece a análise propriamente dita, que apresenta fragmentos da comunicação existente entre o Grupo e os comunicadores e a possibilidade de aplicabilidade da teoria dialógica de Bakhtin neste contexto.

4.1 OBJETO DE ESTUDO

O objeto escolhido para o estudo de caso deste trabalho foi um grupo de idosos da Lagoa da Conceição em Florianópolis, o Grupo de Idosos Lagoa Formosa. O Grupo existe há 50 anos e reúne moradores do bairro (a maioria com mais de 60 anos), uma vez por semana, na sede da Associação de Moradores, Sociedade Amigos da Lagoa (SAL), para

conversas informais, lanches, realização de trabalhos manuais e palestras de interesse da comunidade.

Hoje o grupo conta com 70 integrantes (homens e mulheres), a maioria aposentados e donas-de-casa, mas muitos ainda sustentam filhos e netos com o valor da aposentadoria (IBGE, 2000).

A sugestão para a pesquisa surgiu em maio de 2005, a partir de uma matéria jornalística feita por esta pesquisadora sobre comportamento com cidadãos idosos² e a motivação para esta dissertação apareceu justamente na observação da relação existente entre os integrantes deste grupo e os locutores de rádios locais AM. As conversas informais mostraram que muitos integrantes do grupo tinham como hábito ouvir rádio, principalmente as emissoras AM, durante todo o período que permaneciam em casa.

Nas reuniões do Grupo de Idosos Lagoa Formosa, os comentários sobre as informações ouvidas nas rádios eram repassados ao resto do grupo. Acontecia também troca de informações sobre emissoras diferentes. É interessante destacar que, a maioria das conversas girava em torno não apenas do conteúdo da informação repassada, mas da forma como o locutor havia transmitido a informação, bem como os comentários feitos por ele sobre determinada notícia. Havia uma preocupação explícita com o dizer do *outro*.

As opiniões do grupo sobre a informação transmitida pelo comunicador também faziam parte do contexto. Quem ouviu, fazia questão de opinar e justificar a opinião a partir do que foi dito pelo comunicador. Havia quem concordasse, mas muitas também eram as

¹ O IBGE considera idosas as pessoas com 60 anos ou mais, mesmo limite de idade considerado pela Organização Mundial de Saúde para os países em desenvolvimento.

² Esta matéria foi realizada por ocasião de um trabalho junto à Secretaria de Estado da Organização do Lazer no Programa Cartão Melhor Idade de Santa Catarina. Este programa contava com um jornal mensal, no qual esta pesquisadora trabalhava, onde havia publicações de matérias comportamentais e informativas da terceira idade.

críticas e as considerações baseadas nas informações transmitidas pelo comunicador. Estas características chamaram a atenção logo nos primeiros contatos com o grupo e vieram ao encontro das discussões realizadas ainda nas disciplinas do mestrado, quando, lendo Mikhail Bakhtin, foram analisadas suas reflexões sobre a linguagem, o diálogo e a significação das palavras.

A atenção de Bakhtin a uma filosofia da linguagem com aplicação imediata não apenas na lingüística e na estilística, mas na maioria das preocupações da vida cotidiana e sua tentativa de compreender os complexos fatores que tornam o diálogo possível, despertou o interesse por um maior entendimento da relação comunicacional entre o grupo de idosos e os comunicadores das rádios AM sob a luz da teoria bakhtiniana.

4.2 OS INTERLOCUTORES: OUVINTES E COMUNICADORES

4.2.1 Ouvintes

Embora a pesquisa apresente comentários de diversos integrantes do Grupo, cinco idosos que aqui serão conhecidos por Maria (68 anos), Alba (65 anos), Nadir (62 anos), Darci (82 anos) e Manoel (67 anos) foram selecionados para participar mais ativamente do trabalho. Os escolhidos foram os que demonstraram maior interesse em conversar sobre o rádio logo nos primeiros contatos e se referiam aos comunicadores como “velhos” conhecidos. Sabendo da pesquisa, alguns verbalizaram imediatamente as opiniões a respeito das notícias transmitidas pelos comunicadores “preferidos”. Outros retransmitiam a forma de contato com o comunicador e enfatizavam, mesmo sem perceber, a relação dialógica com o emissor.

4.2.1.1 O Idoso no Brasil

Quando se fala na escolha dos ouvintes para a pesquisa, faz-se necessário destacar o perfil deste entrevistado, principalmente nesta pesquisa em particular. Por se tratar de uma pesquisa que envolve a radiodifusão, sendo o rádio o meio de comunicação que atingiu o maior número de pessoas no século XX, a opinião do cidadão com idade igual ou superior a 60 anos difere da população que conheceu o rádio já com a introdução da televisão (década de 50). A maioria dos idosos entrevistados viveu a “época de ouro” do rádio no Brasil e guardam as recordações de momentos de *glamour* da radiodifusão. De certa forma, as recordações provavelmente contribuem para um contato maior com este meio de comunicação e seus comunicadores. Isto fica comprovado na maioria dos depoimentos do grupo.

O Brasil tem hoje 14,5 milhões de pessoas idosas, 8,6 % da população total do País, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), com base no Censo 2000. Em uma década, o número de idosos no Brasil cresceu 17 %, em 1991, ele correspondia a 7,3 % da população. O envelhecimento da população brasileira é reflexo do aumento da expectativa de vida, devido ao avanço no campo da saúde e à redução da taxa de natalidade. Prova disto, é a participação dos idosos com 75 anos ou mais no total da população - em 1991, eles eram 2,4 milhões (1,6 %) e, em 2000, 3,6 milhões (2,1 %). A população brasileira vive, hoje, em média, de 68,6 anos, 2,5 anos a mais do que no início da década de 90. Estima-se que em 2020 a população com mais de 60 anos no País deva chegar a 30 milhões de pessoas (13% do total), e a esperança de vida, a 70,3 anos. Ainda segundo o Censo de 2000, boa parte dos idosos hoje são chefes de família e nessas famílias a renda média é superior àquelas chefiadas por adultos não-idosos. Segundo o Censo 2000,

62,4 % dos idosos e 37,6 % das idosas são chefes de família, somando 8,9 milhões de pessoas. Além disso, 54,5 % dos idosos chefes de família vivem com os seus filhos e os sustentam.

4.3 OS COMUNICADORES

Os locutores/comunicadores entrevistados foram selecionados de acordo com as menções feitas pelo Grupo Lagoa Formosa. Alguns foram citados em entrevistas, outros aparecem quando do acompanhamento nas casas dos ouvintes. Mas apenas dois foram selecionados para serem avaliados pela pesquisadora porque apresentaram características importantes destacadas pelos próprios idosos. O Comunicador Mário Motta, da Rádio CBN (Florianópolis), foi destacado pela simpatia junto ao público ouvinte e, principalmente, pela forma de conversar com o ouvinte idoso. O Comunicador Jean Schutz, da Rádio Gazeta AM (Florianópolis), foi citado diversas vezes pelo grupo, por ser morador da Lagoa e demonstrar identificação com o bairro e os moradores.

4.4 METODOLOGIA DA PESQUISA

Na construção dos caminhos a percorrer, em busca da compreensão de questões que foram sendo suscitadas pelo próprio objeto de pesquisa investigado, elencaram-se opções por autores, correntes teóricas, construções metodológicas que passaram a participar do trabalho não por imposições acadêmicas, mas porque foram regidas pelo próprio objeto. Neste caso, foi proposto um estudo de caso valendo-se da análise comparativa. O trabalho insere-se, portanto, no campo das pesquisas qualitativas.

A forma de comunicação entre o Grupo de Idosos e os locutores foi analisada a partir de entrevistas em grupo, entrevistas individuais e acompanhamento dos programas ouvidos pelos receptores escolhidos para a pesquisa. A coleta de informações foi realizada com cinco pessoas do grupo em horários diferenciados do dia nas residências de cada um onde os programas eram ouvidos.

Os comunicadores foram entrevistados nos locais de trabalho e também por e-mails. Nas entrevistas, a pesquisadora buscou informações sobre a linguagem estabelecida por estes comunicadores com os ouvintes o envolvimento deles nesta comunicação. Como a pesquisa demonstrou, o diálogo com o ouvinte já faz parte do cotidiano dos comunicadores nas rádios que, mesmo sem perceber, acabam envolvidos na complexidade desta relação dialógica. Ao se referir aos programas sem a participação do ouvinte, o comunicador Jean Schultz diz: “faço os programas sempre pensando no ouvinte, o que ele vai querer saber, o que ele vai querer ouvir, mesmo que eu não vá falar com ele naquele programa específico”.

Toda a coleta de informações foi anotada, já que o gravador (usado em alguns casos) não contribuiu para o fluxo das informações, além de ter inibido comentários indispensáveis à análise da questão. As visitas ao Grupo Lagoa Formosa foram realizadas durante um período de seis meses, sempre às terças-feiras, dia das reuniões semanais do Grupo na Associação Amigos da Lagoa. Neste espaço de tempo, foram feitas quatorze visitas ao referido grupo. As reuniões aconteciam das 14h às 17h30min com intervalo para lanche e bingo. Durante as visitas ao Grupo, a dinâmica de trabalho para esta pesquisa foi baseada em acompanhamento às atividades e conversas informais com os idosos. Os assuntos abordados versavam sobre o cotidiano de cada um e as notícias da cidade e do País. A programação das rádios e o conteúdo divulgado pelos comunicadores de rádio eram

lembrados na maioria dos diálogos com a pesquisadora, principalmente quando se fazia menção a assuntos sobre saúde, religião e notícias gerais.

As visitas às residências de cada um dos cinco idosos, escolhidos para acompanhamento da audição dos programas, foram limitadas a dois encontros num período de três meses. Nestas visitas, a entrevistadora costumava acompanhar as reações dos idosos ao ouvirem o comunicador, registrar as respostas dos ouvintes às perguntas do emissor (respostas que não chegaram ao alcance do comunicador) e conversar com os idosos sobre os programas enquanto o rádio estava ligado. Os programas mais ouvidos durante as visitas foram: CBN Notícias (Rádio CBN/Florianópolis), Domingo Legal (Rádio Gazeta/Florianópolis), Bom Dia Guararema, Pediu Tocou e Momento Romântico (Rádio Guararema/São José).

Um dado importante diz respeito ao comportamento dos idosos durante estas visitas. Apenas uma das entrevistadas permaneceu sentada nos encontros com a pesquisadora, os outros continuaram fazendo suas atividades domésticas, ouvindo rádio e conversando sobre os programas. Este comportamento já sugere as primeiras reflexões para esta pesquisa. A portabilidade e a disponibilidade da informação pelas vozes e sons, sem precisar recorrer à imagem da televisão e deixar de fazer as atividades diárias para entender o que está sendo dito, faz do rádio, numa primeira análise, um meio de comunicação eficaz para o contexto dialógico sugerido nesta pesquisa.

A partir de agora, o trabalho passa a descrever como acontece a comunicação entre emissores e receptores. Em seguida, a análise deste conteúdo a partir das concepções da teoria dialógica de Bakhtin.

4.5 A COMUNICAÇÃO ENTRE O GRUPO E OS COMUNICADORES

Antes de iniciar este tópico, faz-se necessário informar ao leitor que os depoimentos dos entrevistados serão inseridos neste trabalho como fragmentos, de acordo com a fluência do texto. Os entrevistados serão citados no decorrer das reflexões. Os depoimentos fragmentados, colhidos em entrevistas e conversas informais, serão analisados partindo da possibilidade de aplicabilidade da teoria dialógica de Bakhtin.

As entrevistas com o grupo pesquisado e o acompanhamento dos programas ouvidos por eles mostram que o estabelecimento de contatos entre emissor e receptor é constante na tentativa de criar vínculos, seja em função da música oferecida ao ouvinte, seja pelas notícias transmitidas, informações sobre saúde, cursos, felicitações de aniversários, comentários sobre esporte, transmissão de jogos, sorteios, concursos, etc. Há uma constante busca de pontos de identificação entre locutor e ouvinte. De um lado está o locutor, o qual busca situar o ouvinte, chamá-lo para perto e oferecer a ele uma situação confortável; do outro está o ouvinte, o qual recebe o locutor como alguém já conhecido, pronto para um contato, uma conversa, mesmo que silenciosa. De outro está o ouvinte, em busca de uma identificação, algo que o aproxime do locutor. Os contatos diretos do grupo com os comunicadores são feitos por telefonemas, cartas, e-mails e até mesmo visitas às rádios, encontros em transmissão de jogos e festas populares.

“(...) quando eu posso, eu escrevo, eu telefono. Escrevo carta dando sugestão sobre os assuntos da rádio, dizendo minha opinião. Eu participo. Gosto muito de participar (...) o locutor pergunta o que a gente acha e eu sigo respondendo (...)” (Nadir).

“(...) No aniversário do Manoel, meu marido, eu liguei ,ofereci uma música para ele, música do Roberto Carlos. Ele gostou (...) conheci o Hamilton Reginaldo (comunicador da Rádio Guararema) lá na festa em São Pedro de Alcântara. Fui lá só por causa dele. Eu queria conhecê-lo, de qualquer jeito. A gente escuta o programa dele todo dia, ele entra na nossa casa, a gente conversa com ele todo dia, então eu aproveitei a oportunidade da festa para conhecer ele. E gostei. É um homem forte. Era ele falando, assim, na festa e eu lembrando das conversas dele na rádio... aí eu subi no palco e tudo, me apresentei, né? Foi muito bom (...)”.
(Alba)

Estes exemplos apontam as formas de comunicação das ouvintes com os comunicadores e, principalmente, demonstram a tentativa de estabelecer contatos e criar vínculos com os comunicadores dos programas mais ouvidos por elas no cotidiano. Há uma expectativa em torno da presença física do emissor. As ouvintes tentam trazê-lo para perto, torná-lo cada vez mais íntimo. Os comunicadores confirmam estes depoimentos:

“(...) E eles falam o tempo todo – quer pelo telefone, pelo fax e/ou cada vez mais, via informática – pela Internet, pelo *Chat* (Sala CBN/Diário), superando as barreiras da rápida evolução tecnológica e demonstrando claramente que Idade pode ser mesmo e quase sempre - um Estado de Espírito ou uma simples "convenção social"... (...) (MÁRIO MOTTA, comunicador da CBN, março 2006).

Esta aproximação dos ouvintes e a tentativa de criar vínculos estão presentes na maioria dos programas ouvidos pelo Grupo Lagoa Formosa. Para comunicadores e ouvintes, os pontos de identificação entre eles criam uma situação confortável no diálogo. Durante uma visita à residência de Dona Alba, em janeiro de 2006, o diálogo do comunicador Claudemar Rodrigues, da Rádio Guararema, com uma ouvinte, no Programa “Momento Romântico”, é um exemplo deste vínculo já estabelecido entre ouvinte e comunicador. A conversa aconteceu entre o comunicador e a ouvinte, por telefone, e foi transmitida “ao vivo” na rádio:

- Alô, Claudemar? (ouvinte)
- Oi. Tô aqui. Que barulheira é essa hoje na tua casa? Não dá para ouvir nada. Parece que tem uma criança chorando aí. É tua filha? (comunicador)
- É sim! Hoje ela está assim. Dormiu à tarde e não está com sono. (ouvinte)
- É, eu agora estou sabendo bem como é isso. Estou vivendo isso agora. (locutor)
- É, eu sei. Como está a Laís? (ouvinte)
- Esta bem, graças a Deus! (locutor)

Ao analisar o trecho deste diálogo, pode-se perceber que tanto o comunicador como a ouvinte já se conheciam. Chega-se a esta conclusão quando percebe-se que o comunicador sabe da existência da filha da ouvinte que está chorando ao fundo, durante a conversa. A ouvinte, por sua vez, também sabia que o locutor tem uma filha, provavelmente um bebê. A ouvinte citou inclusive o nome da criança.

Ao ouvir o diálogo entre comunicador e ouvinte, Dona Alba complementou o diálogo dizendo em voz alta: “é, ele tem uma filhinha pequena ... criança não é fácil! ...”. O depoimento demonstra que ela também já tinha informações sobre a vida pessoal do locutor.

4.6 DESCRIÇÃO DOS RESULTADOS

4.6.1. A Relação dos Sujeitos

Os sujeitos pesquisados pertencem a uma mesma comunidade lingüística estão integrados na unicidade da situação social como sugere a teoria bakhtiniana para que realmente aconteça a troca lingüística.

Os idosos do grupo vivem na comunidade da Lagoa da Conceição, em Florianópolis. Os comunicadores das rádios, na maioria, são moradores da mesma cidade ou municípios vizinhos e conhecem os problemas dos ouvintes como dificuldade de assistência médica (o posto de saúde local não dá conta de atender a demanda e a distribuição de remédios é restrita), situação financeira instável devido aos baixos valores recebidos na aposentadoria (muitos idosos mantêm filhos e netos, conforme o último censo de 2000 do IBGE) , enfim, ouvintes e locutores estão ligados a uma mesma comunidade lingüística e o mesmo contexto social. Embora estejam por trás do microfone, os comunicadores, de uma maneira ou de outra, também vivenciam o *contexto social imediato* dos ouvintes por morarem na mesma cidade, no mesmo país e participarem das mesmas decisões políticas e administrativas.

Quando se refere à relação entre falante e ouvinte, Bakhtin enfatiza a necessidade de dar conta da presença do outro a quem uma pessoa está falando, bem como indicar a relação social existente entre ambos em termos de status ou familiaridade.

Esta “relação de pessoa para pessoa”, que Bakhtin ressalta como fundamental para a troca lingüística, é observada em quase todos os depoimentos coletados. Nota-se também que a comunicação diária entre comunicador e ouvinte fortalece a relação entre os sujeitos. Mesmo quando a comunicação é silenciosa quando não há contato direto entre emissor e receptor (através de telefone, e-mail, fax, etc), percebe-se a ligação de falantes e ouvintes a partir do contexto social e também a importância dada pelos sujeitos à presença do *outro* na comunicação. Os depoimentos coletados destacam a relação de “pessoa para pessoa”:

“(...) Tudo que ele fala é legal. Parece um amigo da gente falando, sabe. A gente sente como se fosse uma conversa porque ele fala igual à gente” (Manoel).

“(...) Gosto de ouvir porque a gente entende o que eles falam (...) parece, assim, uma pessoa da família, né? Quando a gente não entende, aí não adianta nada... pra que ouvir, então? Eu mudo para outra rádio! (Dalci Maria Martins, 61 anos, integrante do Grupo de Idosos Lagoa Formosa).

“(...) As notícias no rádio me emocionam. Parece que eles falam pra gente, sabe? Entra dentro da gente. Eu lembro do meu povo que deixei lá em Campina Grande, do meu marido que já morreu, ave Maria... tu já pensou se eu não tivesse meu radiozinho? (Maria)

“(...) Eu agora tô de ouvido nas vacinas. Eles sempre avisam à gente na rádio quando é época de vacina. Eles sabem que a gente precisa. Olha, desde que começou, eu sempre tomo a vacina da gripe e nunca mais fiquei gripada. Isso é muito bom. A gente não fica doente, não gasta com remédio. E são os locutores que avisam a gente, que dizem pra gente ir no posto, que tá na hora de tomar. Eles não deixam de avisar, não (...) (Alba).

Nos quatro depoimentos citados, é possível refletir sobre a relação entre falante e ouvinte, fortalecida pela voz do comunicador que parece confortar o ouvinte, sempre dando importância à presença do *outro* na comunicação. No depoimento do ouvinte Manoel, ele destaca que o comunicador parece ser um amigo porque fala igual ao ouvinte. Quer dizer, não há barreiras na comunicação que parece clara e familiar para Manoel. As ouvintes Dalci e Maria também exprimem a familiaridade da fala do comunicador que leva ao conforto e à emoção interiores.

Quanto à percepção do locutor à realidade social vivida pelos ouvintes, o depoimento da ouvinte Alba demonstra o conhecimento do locutor sobre o contexto social vivido pelos ouvintes. Ao avisar sobre as vacinas e insistir para que os idosos vacinem-se para não ficarem doentes e não gastarem com remédios, pode-se supor que o locutor conhece a situação social dos ouvintes e sabe da dificuldade em comprar remédios e vacinas, está integrado na unicidade social desta comunicação.

Em uma das visitas à casa da ouvinte Maria, ao ouvirmos o Programa do locutor Hélio Costa, da Rádio Mais Alegria (São José), ele diz:

(...) Sou Hélio Costa, mas você pode me chamar de amigo. Estou aqui para dar voz e vez à comunidade. Vamos torcer para que Deus, que te deu a vida, coloque pessoas para te ajudar no teu caminho (...) (Hélio Costa, Rádio Alegria, fevereiro de 2006).

Neste depoimento, mais uma demonstração quanto à integração do locutor à situação social dos ouvintes, posto que ele os conforta com palavras de amizade e incentivo.

4.6.2 Os Papéis do Ouvinte e do Comunicador

Partindo das reflexões bakhtinianas - já apresentadas no capítulo 2 - de que as interações entre sujeitos são antes de tudo interações de linguagem, é importante destacar nesta análise as reações responsivas do receptor a partir das mensagens recebidas. Reações que não são mais passivas (como sugere a lingüística tradicional criticada por Bakhtin) e que interagem com o emissor. Dentro desta percepção, é possível analisar nesta pesquisa os papéis do ouvinte e do comunicador neste estudo de caso. Novamente aqui podemos aplicar a teoria bakhtiniana, desta vez, na compreensão de uma fala viva, de um enunciado vivo. Nas entrevistas e, principalmente, nos programas ouvidos na casa dos ouvintes, observa-se a participação do ouvinte como locutor (como sugere a teoria de Bakhtin) dos programas transmitidos.

Um dos exemplos, em particular, sugere o que Bakhtin chama de “atitude responsiva ativa”. Dona Maria da Paz, 68 anos, integrante do Grupo Lagoa Formosa e

moradora da Lagoa da Conceição, relatou uma ação que pode ser considerada como “atitude responsiva ativa” por parte do ouvinte. Ela ouviu o locutor da rádio CBN fazer um comentário a respeito do livro “Esmeralda, Menina de Rua”. O locutor se referiu ao livro como leitura indicada para conhecer a realidade das crianças de rua e comentou trechos do livro. Dona Maria, que frequenta aulas para adultos no grupo escolar do bairro, não só comprou o livro como comentou com a professora e os colegas de turma sobre a história e as palavras do locutor da rádio ao elogiar a obra. A professora do Grupo Escolar resolveu adotar o livro como leitura obrigatória da disciplina e todos os alunos da turma participaram das discussões.

“(…) fiquei impressionada com a história que o ele contou (se referindo ao comunicador da rádio). Ele contou a história da Esmeralda, da menina de rua da Praça da Sé. Você sabe que ela cheirava cola e tudo? É. Foi estuprada , sofreu muito e hoje é uma vencedora , venceu na vida ... quem não gosta de ouvir uma história dessas? A gente tem gosto de comprar o livro para ler. Eu li tudo, tudo, mais de uma vez. Os alunos da turma também adoraram. Olha, foi comentário a semana toda. É, o livro serve de exemplo para muita gente que tá nessa vida da droga, da prostituição. Sempre tem um jeito de sair dessa, né? Mas, às vezes, com informação, com conhecimento, fica mais fácil para os jovens não se meter nesse caminho errado. Por isso, a leitura do livro ajuda muito. Foi tudo a rádio que me disse” (Maria).

Este exemplo sugere aplicação da teoria bakhtiniana no caso da ação responsiva imediata, mas segundo Bakhtin, a resposta pode não aparecer logo após o enunciado, logo depois de pronunciado. A compreensão ativa pode ser realizada imediatamente a ação, mas pode permanecer silenciosa. Bakhtin complementa esta reflexão e sugere que “cedo ou tarde o que foi ouvido e ativamente entendido responde nos discursos subseqüentes ou no comportamento do ouvinte” (BAKHTIN, 2003, p.272). Os depoimentos a seguir reforçam esta afirmação:

“(...) eu fiquei durante meses esperando para participar dos prêmios da casa feliz. Ouvia ele falar, e ouvia, só quando deu é que comprei o carnê para tentar a sorte, mas não ganhei não. Conheço gente que ganhou (Dalci).

“(...) mas, bom no rádio mesmo é ouvir o padre Márcio. Menina, aquilo é que é Padre. Muito melhor do que o Padre Marcelo. Olha, ele construiu sozinho uma igreja lá nos Ingleses, sabia? É, tudo que ele fala acontece. Olha, se eu levanto de manhã e escuto, já fico bem o dia todo. Faço logo uma oração e escuto direitinho os mandados dele... eu dou os conselhos dele para meus filhos, meus netos (...) (Nadir).

Nos dois depoimentos, verificou-se que a compreensão ativa permaneceu silenciosa e refletiu mais tarde no comportamento das ouvintes. No depoimento da ouvinte Dalci, percebe-se que a compra do carnê não aconteceu imediatamente, embora o comunicador costumasse se referir aos prêmios, mas ela acabou por acatar a sugestão do locutor. No depoimento da ouvinte Nadir, os conselhos do comunicador parecem ter sido repassados em outro momento aos filhos e netos que moram em outro bairro, distante da Lagoa, já que “(...) para falar com eles só mesmo final de semana ou nos feriado, né? Eles trabalham, estudam (...)”. (Nadir). Estes depoimentos são confirmados pelos locutores quando dizem:

“(...) às vezes, dias depois, alguém acaba comentando comigo o que foi divulgado em programas anteriores” (Jean Schutz, comunicador Rádio Gazeta).

Em suas reflexões, Bakhtin considera que o próprio falante acaba por esperar esta resposta, bem como a compreensão de seu discurso, seja como for a forma de resposta. As respostas dos ouvintes servem como estímulo para a comunicação entre emissor e ouvinte.

Pode-se identificar esta possibilidade no seguinte trecho do Programa CBN Notícias, apresentado pelo comunicador Mário Motta:

“(...) tem muita gente participando aqui comigo, alertando sobre os trotes, contando casos sobre trotes e novamente eu vou aproveitar para falar sobre as ligações telefônicas que vêm abalando os moradores da nossa cidade. Sei que tem muita gente tomando cuidado porque eu já falei aqui, mas vai a dica novamente para quem ainda não ouviu: cuidado com as informações que vocês passam por telefone, ok? Pode ser um trote com conseqüências graves! (...) (Mário Motta, CBN Notícias, fevereiro de 2006).

Neste trecho do programa, percebe-se que os telefonemas dos ouvintes serviram de estímulo para que o comunicador continuasse o aviso sobre os trotes e alertasse um maior número de ouvintes.

Quando se referem ao público idoso os locutores enfatizam ainda o estímulo à comunicação:

“(...) No caso do público ouvinte da terceira idade, a iniciativa pode ter um mote inicial mais simples, ou seja – um singelo diálogo com alguém, uma forma de "espantar a solidão", mas aos poucos vai se transformando num exercício diário de cidadania e intervenção social. Percebo também que essa participação – quando advém de um ouvinte da terceira idade, apresenta-se ainda mais "qualificada" – especialmente pela experiência de vida – pessoal e profissional. Cabe ao Locutor ter sensibilidade para aproveitá-la da melhor forma possível e estimulá-la cada vez mais.” (Mário Motta, março de 2006)

“(...) Acho que em geral o idoso é mais carismático e ouve rádio com mais atenção do que os outros públicos. O idoso vê o rádio como um veículo de comunicação, distração, informação e entretenimento. Quando gosta de um programa, ele gosta de manifestar a sua opinião sobre esse programa e, em muitos casos, torna-se participante desse programa (Jean Schutz, comunicador Rádio Gazeta, depoimento colhido em abril de 2006).

4.6.3. Enunciação

Com base na teoria de Bakhtin (2003), em que a enunciação é compreendida como uma réplica do diálogo social e unidade de base da língua; em que a utilização da

língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes de uma ou de outra esfera da atividade humana, sugere-se analisar as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas.

Ao refletir sobre a característica dos discursos, que para Bakhtin tem sempre uma natureza dialógica e polifônica e sobre as formulações dos enunciados ofertados, ao iniciar seu discurso, o falante pressupõe conhecimento do ouvinte, ou pelo menos pressupõe a existência de um sistema de língua, baseia-se em outros enunciados e, assim, cada enunciado pronunciado pelo locutor é um elo da cadeia muito complexa de outros enunciados. Neste exemplo, o depoimento do comunicador sugere conhecer o ouvinte para quem vai falar:

“(…) No meu caso, especialmente, em que a “matéria-prima” do programa que apresento na Rádio CBN/Diário é a informação, a participação ativa dos ouvintes da terceira idade é fundamental. Eles me oferecem o “tempero da vivência” e pelo exercício diário da maturidade, da ponderação, da prática do conhecimento já desenvolvido neste ou naquele caso ou situação, colaboram decisivamente – e muitas vezes – ditam o rumo a ser tomado pelo comentário, pelo programa e pela “comunidade radiofônica” que me acompanha. (Mário Motta, março de 2006).

Em um trecho do Programa CBN Notícias, apresentado pelo comunicador Mário Motta, percebe-se que cada enunciado pronunciado pelo locutor é um elo da cadeia complexa de enunciados:

“(…) No Jornal da CBN você acompanha notícias que podem mudar a sua vida! Bom dia para você que ligou o rádio agora e está sintonizado. Vamos em frente! A temperatura está mais baixa, cheirinho de naftalina nos cobertores, eu sei, mas vive-se melhor com menos calor, não é mesmo? Vamos às notícias! Estaremos com ouvidos atentos às notícias que abalam nosso país, principalmente na política (...) (Mário Motta, fevereiro de 2006).

A partir dos enunciados deste trecho, verifica-se que o comunicador conhece os ouvintes, sabe que os enunciados são de interesse do receptor. Ao serem analisados, percebe-se que estes enunciados formam uma cadeia de outros enunciados. Ao falar sobre as notícias que podem mudar as vidas dos ouvintes, por exemplo, o comunicador pressupõe que as notícias não vão agradar aos ouvintes ou, até mesmo, podem provocar mudanças significativas na vida de quem as escuta, dando seqüência assim a outros enunciados.

O “elo da cadeia complexa de enunciados”, citado por Bakhtin (2003), aparece na pesquisa de forma bem definida. Como já foi discutido no capítulo 2 deste trabalho, a partir das definições Bakhtinianas, as fronteiras do enunciado concreto, compreendido como uma unidade de comunicação verbal, são determinadas pela alternância dos sujeitos falantes. O locutor termina seu enunciado para passar a resposta ao outro ou para dar lugar à compreensão responsiva ativa do outro. “O enunciado não é uma unidade convencional, é uma unidade real, precisamente delimitada pela alternância dos sujeitos do discurso, a qual termina com a transmissão da palavra ao outro (...)” (BAKHTIN, 2003, p.275).

Esta alternância dos sujeitos falantes compõe o contexto do enunciado e é no diálogo real que esta alternância dos sujeitos falantes é observada de modo mais direto e evidente. O acabamento do enunciado por parte do locutor pode ser determinado a partir de critérios particulares. O primeiro e mais importante dos critérios de acabamento do enunciado é a possibilidade de responder, de adotar uma atitude responsiva para com ele. Estas teorias podem servir para analisar este trecho do Programa Domingo Legal ³, da Rádio Gazeta, apresentado pelo jornalista Jean Schutz. Verificam-se a alternância dos

³ Este programa foi comentado pelo grande grupo em um dos encontros. O apresentador Jean Schutz é deficiente visual e morador nativo da Lagoa da Conceição. Os comentários do grupo giraram em torno da facilidade de comunicação de Jean com os ouvintes e da “oportunidade” que o locutor oferece ao ouvinte de participação no rádio. Os comentários justificaram a escolha deste programa em particular para inserção na

sujeitos falantes com a transmissão da palavra ao outro e o acabamento do enunciado por parte do locutor, que possibilitam ao ouvinte uma atitude responsiva.

Programa transmitido no domingo, 23 de abril de 2006, 12h30min, Rádio Gazeta.

Locutor Jean:

Vamos ao primeiro quadro do Domingo Especial: “Enigma no Ar”. A pergunta do enigma é a seguinte: Quando se comemora o Dia do Jornalista? Vamos participar?

(O telefone toca na rádio. Escutamos o som do telefone no ar.)

- Alô, quem fala? (Jean)

- Alô, Jean? (ouvinte)

- Quem fala? (Jean)

- Daiane, do Bairro Ipiranga. Só liguei para dar um alô. Não sei o enigma de hoje, não.
(ouvinte)

- Ok, Daiane. O importante é ligar. E o teu alô vai para quem hoje, Daiane? (Jean)

- Para todos que estão ouvindo a rádio. (Daiane)

- Obrigada Daiane. Bom domingo para você. (Jean)

- Quero lembrar para vocês que no Restaurante Cordeiro da Lagoa você come bem e paga pouco. Não esqueça! Restaurante Cordeiro... um abraço para você que me ouve.

(Jean)

(O telefone volta a tocar)

- Alô? Quem fala? (Jean)

- É Angélica, do Canto da Lagoa. (Angélica)

- Oi Angélica? Tudo bem? Então, Angélica, em que dia se comemora o Dia do Jornalista? (Jean)

- 7 de abril! (Angélica).

- Você acertou!!! Parabéns, Angélica. O Alô vai para quem? (Jean)

- Para todos que estão ouvindo a rádio. (Angélica)

- Já foi desvendado o enigma de hoje, mas você ainda pode participar e conversar com a gente. Ligue 32011060. (Jean)

- (O telefone volta a tocar)

- Alô, quem fala? (Jean)

- João do Canto da Lagoa. Ô João, você foi visto na festa de aniversário da Terezinha. É verdade, João? Tava boa a festa? (risos)

- Ah! Até você já sabe... (risos). A festa estava boa, sim. Quero aproveitar para mandar um abraço para a Terezinha. (João)

- Tá certo, João....Então, responda para mim: qual o grupo musical que gravou a Música Futebol e Samba? (Jean)

- Foi o “Cara Metade”. (João)

- Vamos ver... daqui a pouco a gente divulga a resposta. O alô vai para mais alguém? (Jean)

- Para você, amigo. (João)

- Obrigado. E você, continue ligando. Daqui a pouco você acompanha aqui comigo as informações do esporte. (Jean)

(telefone toca)

- Alô Jean? É a Celi.

- Oi, Celi. (Jean)

- Na semana passada eu tive em Alfredo Wagner e não ouvi teu programa, mas hoje liguei sem falta. Um beijo tá, Jean e bom domingo. (Celi)

- Agora peguem um papel e uma caneta para anotar o resultado da loteria. Você pode ser um dos ganhadores, não é, você jogou ? (Jean)

Neste trecho do Programa Domingo Legal foi possível acompanhar a composição dos enunciados a partir da alternância dos sujeitos falantes em um diálogo real. Nos acabamentos dos enunciados houve a possibilidade do ouvinte responder e de adotar uma atitude responsiva para com o comunicador, seja nas respostas ao enigma, seja nas respostas às perguntas aleatórias do comunicador, ou mesmo quando Jean pergunta a um dos ouvintes, o João, se ele esteve na festa da Terezinha. O ouvinte João responde e sorri. Ouvem-se sonoras gargalhadas. João parece entender e confirmar as insinuações de Jean sobre um possível encontro com Terezinha.

Neste exemplo, vimos que a compreensão da enunciação foi fundamental para que os ouvintes correspondessem ao comunicador:

“Quando não se entende o que o locutor está dizendo, o natural do ser humano é desligar o rádio ou mudar de estação” (Jean Schutz, apresentador da Rádio Gazeta, depoimento colhido em abril de 2006).

Bakhtin (1985) argumenta que aquele que compreende participa do diálogo, continua a criação de seu interlocutor e multiplica o que já foi dito. No depoimento do comunicador Jean, é possível refletir sobre esta afirmação de Bakhtin:

“Para que ocorra uma boa comunicação, é necessário que o emissor e o receptor se entendam. Acredito que grande parte das pessoas entende o que eu quero dizer, e eu também entendo o que os ouvintes querem dizer quando essa comunicação entre eu e o ouvinte acontece. Quando ela não acontece de forma efetiva, por telefone, carta ou e-mail, quando produzo o programa, fico imaginando o que o meu ouvinte vai pensar do que estou divulgando e como ele vai receber essa informação” (Jean Schutz).

Neste exemplo, pode-se sugerir a aplicabilidade do “entendimento simultâneo” que Bakhtin descreve. O comunicador reconhece que o ouvinte, principalmente o ouvinte mais idoso, quer uma comunicação alegre. Do outro lado está o idoso à procura de um comunicador que reconheça esta necessidade e entre em entendimento com ele:

“Na TV só dá coisa triste e a gente não pode nem reclamar. No rádio, não, a gente liga para eles e pede para falar coisas alegres, para tocar músicas alegres...” (Darci).

As respostas fônicas dos ouvintes (observadas pela pesquisadora), mas que não foram ouvidas pelo comunicador, ficam subentendidas, mas acabam por estimular este comunicador de alguma forma a prosseguir com o enunciado.

Mesmo sem estabelecer uma comunicação direta com o comunicador, o que foi dito por ele na rádio se estende para a família ou amigos que estejam por perto no momento

da escuta ou em outro momento qualquer. Esta atitude dá lugar à compreensão responsiva ativa do outro. O comentário foi feito em uma das reuniões do Grupo Lagoa Formosa:

“(...) Gente, não dá para perder o programa das benzedadeiras que dá de manhã no rádio. Elas ensinam o chá das ervas. Bendita as benzedadeiras que ensinam isso! Cada erva para curar uma doença. E como funciona... Lá pelas três da tarde tem também o Terço da Misericórdia, na rádio Cultura. Também não dá para perder não. Funciona mesmo! Vocês precisam tentar! O padre Márcio reza com a gente. Às vezes o padre Marcelo também. As orações são milagrosas! Rezei para minha netinha que foi internada no Hospital Infantil. Pedi ajuda para muita gente, muita gente rezou comigo... a gente rezou, e como rezou...ela saiu do Hospital, graças a Deus!” (Dona Lourdes, 67 anos, integrante do Grupo de Idosos Lagoa Formosa).

O depoimento de Lourdes incentivou o Grupo Lagoa Formosa a ouvir o programa das Benzedadeiras e alertou-o para as ervas que podem “curar doenças”, bem como as orações que podem “fazer milagres”. Alguns idosos perguntaram a Lourdes o nome do programa e o horário que é transmitido. Outros fizeram questão de anotar o nome das ervas sugeridas para a cura de determinadas doenças. Deu-se aqui a aplicação da “compreensão responsiva ativa”, sugerida pela teoria de Bakhtin.

No trecho do depoimento sobre os programas dos Padres Márcio e Marcelo, devem-se considerar dois aspectos relevantes neste contexto: a característica religiosa das rádios, cujos comunicadores são padres e a religiosidade do grupo de idosos (a maioria formada por católicos, frequentadores das missas semanais e dominicais do bairro). De forma geral, todos concordaram com os “milagres” que as orações podem fazer.

A partir desta reflexão, sendo esta pesquisa realizada no âmbito da radiodifusão em que as vozes e sons expressam emoções e sensações a partir de contextos diferentes da vida cotidiana, faz-se necessário registrar os efeitos da elocução na pesquisa. O modo de expressão da enunciação e a sua influência na comunicação entre ouvintes e comunicadores

foram mais aspectos analisados neste estudo de caso. O ouvinte Manoel enfatiza a expressão de um dos comunicadores que ele costuma ouvir:

Ele (referindo-se ao Claudemar Rodrigues, da Rádio Guararema) fala com a gente como se estivesse conversando, entende? Tem um jeito de falar que parece que está conversando com a gente... Ele fala, pára, ri..., eu fico escutando na cama...deixo o rádio ligado, escovo os dentes, tomo café, tudo escutando ele... (Manoel).

Neste depoimento, a entonação e a forma de falar parecem essenciais na relação comunicacional entre ouvinte e emissor. “Ele é bem declarado” (Manoel).

No depoimento da ouvinte Darci, a expressão do comunicador também parece ser fundamental na relação ouvinte-falante:

“Sabe por que eu escuto rádio, filha, porque a TV está uma porcaria, uma bela porcaria! No rádio não sai besteira. Eles são alegres, oferecem música. Eu adoro música. Fico alegre também. Parece que eles sabem que a gente precisa desta alegria. A vida pode ser um paraíso se você fizer da sua vida um paraíso. Só depende de você. É por isso que eu não quero mais escutar coisa ruim. Só os locutores que falam coisas boas” (Darci).

Quando indagado sobre importância da expressão na enunciação, o comunicador Jean Schutz reafirma:

“Procuro falar uma linguagem clara, fácil de ser entendida. Além disso, procuro dar bastante atenção aos telefonemas que recebo e gosto muito de recebê-los, embora saiba que muitas pessoas que me ouvem não me telefonam” (Jean Schutz).

Bakhtin fala sobre a natureza da palavra que está sempre em busca de uma compreensão, seguindo de maneira ilimitada, pois quer ser sempre ouvida e busca uma compreensão responsiva. “Não existe nem a primeira nem a última palavra, e não existem fronteiras para um contexto dialógico” (SOUZA, 1994, p.111).

O querer dizer do locutor se realiza acima de tudo na escolha do gênero do discurso. Em seus estudos, Bakhtin ressalta a riqueza, a diversidade e a infinidade dos gêneros do discurso que para ele são uma forma de enunciado. Para Bakhtin (2003), a diversidade de alguns gêneros varia de acordo com a condição social, e relacionamento pessoal dos parceiros. A autoria é uma das questões principais na concepção dialógica da linguagem desenvolvida por Bakhtin. Para ele, a palavra não pertence ao falante unicamente. O ouvinte também está presente, de algum modo, e também todas as falas que antecederam aquele ato de fala do autor. De acordo com esta análise, nenhum falante seria o primeiro a falar sobre determinado tópico de seu discurso. Nas transmissões radiofônicas desta pesquisa, a presença do ouvinte é sentida a todo instante, mesmo que ele não se aproxime do microfone. O próximo depoimento mostra como o falante, no caso o locutor, não é o primeiro a falar. A presença do ouvinte antes da fala é notada:

“Para que ocorra uma boa comunicação, é necessário que o emissor e o receptor se entendam. Acredito que grande parte das pessoas entende o que eu quero dizer, e eu também entendo o que os ouvintes querem dizer quando essa comunicação entre eu e o ouvinte acontece. Quando ela não acontece de forma efetiva, por telefone, carta ou e-mail, quando produzo o programa, fico imaginando o que o meu ouvinte vai pensar do que estou divulgando e como ele vai receber essa informação” (Jean Schutz, abril de 2006).

O depoimento demonstra que o ouvinte já está presente desde a preparação do programa. O locutor pressupõe aquilo que o ouvinte gostaria de ouvir, sobre o que ele gostaria de conversar porque já conhece a preferência do ouvinte. O locutor sabe que a palavra não pertence somente a ele, ela também pertence ao ouvinte que deve ter espaço para se manifestar.

4.6.4 A Alteridade da Interlocução, a Diversidade de Linguagem: o Eu e o Outro

Um dos princípios unificadores da teoria dialógica de Bakhtin diz respeito à constituição do sujeito frente ao outro em um processo de auto-reconhecimento pelo reconhecimento deste em um movimento de alteridade (1998). Bakhtin diz que é impossível pensar o Homem fora das relações que o ligam ao outro. A palavra que é sempre perpassada pela palavra do outro, é sempre também a palavra do outro. Sendo assim, a verdade não se encontra no interior de uma só pessoa, mas na interação dialógica entre pessoas que a buscam coletivamente. Este movimento da alteridade é observado na comunicação do grupo com os comunicadores das rádios. Há sempre uma preocupação com o outro. Cada vez mais frequentes, os diálogos passaram a fazer parte do cotidiano do grupo apresentando desdobramentos nas relações entre o “eu” e o “outro”.

Nesta pesquisa, este movimento entre locutor e receptor é analisado justamente a partir das concepções bakhtinianas, em que o reconhecimento de si se dá pelo reconhecimento do outro.

Na maioria dos entrevistados, esta percepção sobre o reconhecimento do “outro” foi observada já nos primeiros contatos. Havia desdobramentos na relação entre os ouvintes (idosos, com características específicas desta faixa etária) e os locutores (que se

identificaram com as qualidades específicas destes ouvintes). Assim, a possibilidade de fluência do diálogo pareceu maior.

“(...) Ah! Eu também fui Garota Celebridade! É uma promoção da rádio, lá no Iate Casablanca. O Gilberto Luz (Rádio Guararema) é que incentivou a gente para ir. Eu desfilei e tudo. Depois do prêmio, ele ligou para mim. Eu não estava em casa. Meu marido atendeu. Fiquei com uma pena de não ter falado com ele... tu não sabes onde ele anda? Entrou outro locutor no horário dele e perdi o contato. Quero saber para qual rádio ele foi. Quero participar dos programas dele de novo. Ele dá atenção pra gente, para os mais velhos, eu adoro” (Nadir).

Neste depoimento, verificam-se a preocupação com o *outro* e o reconhecimento deste *outro*. Depois do concurso, o comunicador telefona para conversar com a ouvinte, mesmo sem estar no ar. Segundo a ouvinte Nadir, o comunicador queria saber como ela havia recebido o prêmio, se estava feliz, satisfeita.

Esta identificação demonstrada no depoimento sugere maior possibilidade nos reconhecimentos do “eu” e do “outro” e proporciona maior interação dialógica. O depoimento do comunicador Mário Motta reitera esta análise:

(...) Eles me oferecem o "tempero da vivência" e pelo exercício diário da maturidade, da ponderação, da prática do conhecimento já desenvolvido neste ou naquele caso ou situação, colaboram decisivamente – e muitas vezes – ditam o rumo a ser tomado pelo comentário, pelo programa e pela "comunidade radiofônica" que me acompanha (...). Este diálogo é verdadeiro, forte e digno do maior respeito possível. Especialmente com ouvintes mais idosos (Mário Motta, março de 2006).

4.7 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Nas análises dos depoimentos de ouvintes e comunicadores, a possibilidade de avançar na pesquisa cresceu na medida em que a teoria de Bakhtin sugeriu diversas possibilidades de aplicação. A partir da dimensão dialógica que Bakhtin atribuiu à linguagem, e de sua preocupação em analisá-la na diversidade da experiência social, a comunicação entre ouvintes e comunicadores pôde ser melhor interpretada.

As possibilidades de aplicabilidade da teoria iniciaram a partir do reconhecimento dos sujeitos, da forma de comunicação estabelecida entre eles e da percepção de uma subjetividade, de onde surgem os questionamentos sobre o processo dialógico desta comunicação. A partir de uma teoria que entenda, como disseram Clark e Holquist (1998, p. 237) “(...) não só as palavras dos governantes, mas também o expressivo silêncio dos governados”. O dialogismo de Bakhtin possibilitou reconhecer os sujeitos desde a significação das palavras até o conhecimento do “eu e do “outro”.

Neste estudo de caso, ouvintes e comunicadores envolvidos em um contexto social definido interagiram ao sugerirem uma comunicação de dimensão mais complexa em que “o território interno de cada um não é soberano; é com o olhar do outro que nos comunicamos com nosso próprio interior” (BAKHTIN, 1985 *apud* SOUZA, 1994, p.110).

Seguindo as reflexões de Bakhtin (1979) em que o visto é algo externo ao corpo, enquanto o que ouvimos ressoa dentro de nós, este trabalho sugeriu nos depoimentos coletados, a força da comunicação entre comunicadores e receptores, baseada na informação que fica dentro de cada um. Os ouvintes declaram responder “cedo” ou “tarde” às indagações e/ou sugestões dos comunicadores, enquanto os comunicadores demonstram conhecer seus ouvintes e participar com eles de um contexto dialógico onde transitam os diversos significados da palavra, a força psicológica do rádio e o ouvido enquanto órgão sensível e interpretativo.

Verificou-se que a visão de interação voltada para a subjetividade dos interlocutores abriu caminhos para a concepção da linguagem enquanto fenômeno sócio-ideológico e reconhecimento da língua como fenômeno social. Em seus estudos, ao observar o fenômeno da linguagem, Bakhtin aponta para a necessidade de situar os sujeitos, emissor e receptor, e também o próprio som (enquanto fenômeno puramente acústico) no meio social. Como já mencionado no segundo capítulo e demonstrado nesta pesquisa, para que aconteça a troca lingüística é indispensável que os dois sujeitos, emissor e receptor, pertençam à mesma comunidade lingüística e a uma sociedade claramente organizada e que tenham uma relação de pessoa para pessoa sobre um terreno bem definido como foi sugerido neste estudo de caso.

(...) Bakhtin obteve pouca influência sob a sociolingüística de seu tempo (...), mas sua convicção de que a situação imediata e o meio social mais amplo determinam totalmente a estrutura de uma elocução, obteve confirmação (...); ele enfatiza a diferença existente entre palavras nuas emitidas a partir do contexto e palavras tais como são exploradas em situações sociais. As palavras isoladas constituem a linguagem estudada pelos lingüistas; as sociais são as mais largamente concebidas, objeto que Bakhtin toma como próprio” (CLARK E HOLQUIST, 1998, p.236).

Faz-se necessário registrar a importância do aspecto expressivo da enunciação como unidade de comunicação verbal na pesquisa e a escolha das unidades de linguagem, lexicais ou gramaticais e dos gêneros elocutivos empregados.

Uma elocução falada ou escrita é sempre expressa de um ponto de vista, o qual, para Bakhtin, é um processo mais do que uma localização. A proferição é uma atividade que determina diferenças em valores. Em nível elementar, por exemplo, as mesmas palavras podem significar coisas diferentes dependendo da entonação particular com que são enunciadas em um contexto específico: a entonação é o som que o valor faz. (CLARK E HOLQUIST, 1998, p.36).

Conforme foi demonstrado nesta pesquisa, no processo de compreensão, a cada palavra do “outro” há uma série de palavras do “eu”, formando uma réplica. Quanto mais numerosas e substanciais forem nossas réplicas, mais profunda e real é a nossa compreensão” (SOUZA, 1994, p.109). A aplicabilidade desta teoria foi proposta neste estudo de caso quando, mesmo sem o contato direto com o comunicador, o ouvinte respondeu ao emissor, principalmente porque esse foi convidado a participar, a todo momento, desta comunicação. “Quando as pessoas utilizam a linguagem, não atuam como se fossem máquinas que enviam e transmitem códigos, mas como consciências empenhadas em um entendimento simultâneo” (CLARK e HOLQUIST, 1998, p.237).

Ferreira (2002) diz que é o diálogo entre as diversas vozes que promove o encontro ao ‘eu’ e ao ‘outro’ no processo em que o discurso torna-se público. É este discurso dialógico que permite a heteroglossia e, conseqüentemente, amplia o leque de significados da palavra. Este raciocínio sugere a necessidade de o significado ser sempre compartilhado dentro das noções da heteroglossia bakhtiniana que se caracteriza pela diversidade de linguagens e vozes que entram em um campo de tensões e reflexões.

“A heteroglossia, ou a mistura de diferentes grupos de língua, cultura e classes, foi para Bakhtin a condição ideal, garantindo uma perpétua revolução lingüística e intelectual que guardava contra a hegemonia de qualquer “linguagem única da verdade” ou “língua oficial” em dada sociedade, contra a ossificação e a estagnação do pensamento” (CLARK e HOLQUIST, 1998, p.49).

Ligada a esta teoria “das diferenças” está a polifonia, a combinação de vozes e sons, pois mostram que as palavras não são signos neutros. Elas aparecem a partir de

conflitos, situações e histórias vividas pelos falantes de uma língua. Por isso, estão impregnadas das vozes, dos valores, dos desejos dos falantes.

Nesta análise, os depoimentos dos sujeitos seguiram em muitos momentos os caminhos traçados por Bakhtin na concepção na definição da palavra no contexto dialógico. “Não existe nem a primeira nem a última palavra e não existem fronteiras para um contexto dialógico (...) em qualquer momento do desenvolvimento do diálogo existem quantidades enormes de sentidos esquecidos” (BAKHTIN, 1985, p.392 *apud* SOUZA 1994, p.111).

Na comunicação direta com os locutores, nos programas ouvidos pelo grupo, sempre havia mais uma palavra a dizer “querendo sempre ser ouvido, buscando sempre uma compreensão responsiva, o discurso não pára na compreensão imediata, pressiona cada vez mais longe, infinitamente” (SOUZA, 1994, p.111).

5 CONCLUSÃO

Na luta contra a estagnação do pensamento, a não finalização das idéias e palavras, Bakhtin trilhou os caminhos do diálogo sem limites. Por intermédio de suas reflexões, ele sugeriu que o Homem deveria participar do diálogo com toda a sua vida, com o corpo, o espírito e as ações. No pensamento bakhtiniano, tudo está em constante comunicação, fundamento de toda a cultura e de toda a vida.

O principal objetivo desta dissertação foi refletir sobre a comunicação em um estudo de caso, cuja bússola são as leituras bakhtinianas sobre a linguagem a partir de uma interpretação da língua como fenômeno social, a qual e rompe com o monologismo do pensamento e das idéias, referidos por Bakhtin em suas obras. Ao tentar romper com este monologismo, esta pesquisa concentrou as reflexões na comunicação existente entre um grupo de idosos e comunicadores de rádio, bem como nas questões do cotidiano, consideradas fundamentais na teoria bakhtiniana para discussão dos contextos dialógicos.

Este tipo de comunicação, que propõe a não estagnação do pensamento, trouxe à tona questões humanas e sociais. A partir da interatividade observada entre ouvintes do grupo pesquisado e os comunicadores das referidas rádios, as relações entre os sujeitos ultrapassam fronteiras estéticas e destacam-se situações abordadas na teoria dialógica de Bakhtin como a preocupação com a diferença, a variedade e a alteridade.

Os papéis dos sujeitos foram observados a partir da heteroglossia, caracterizada em Bakhtin pela diversidade de linguagens e vozes que entraram em um campo de tensões e reflexões e que trouxeram resultados significativos para a comunicação, como maior proximidade entre os interlocutores, maior atenção para a significação das palavras quando

sugere a importância do caráter polifônico da mensagem. O diálogo entre as diversas vozes promoveu o encontro ao 'eu' e ao 'outro' segundo a teoria, além de ter sinalizado que, também no rádio, é impossível pensar o Homem fora das relações que o ligam ao outro. Há uma dialogização interna da palavra que é sempre perpassada pela palavra do outro, é sempre também a palavra do outro.

Surgiu então um mundo que fala de diversas maneiras, e essas vozes formam um cenário nos quais aparecem, inclusive, divergências. Nos depoimentos dos ouvintes principalmente, esta reflexão foi apontada. Estes discursos, que têm uma natureza dialógica e polifônica, possibilitam apropriações das mais diversas naturezas e formulações sobre os enunciados ofertados.

Posto que a enunciação é compreendida em Bakhtin como uma réplica do diálogo social, foi possível observar as características apontadas por ele em todo o processo de análise da pesquisa a partir da natureza dialógica e polifônica da comunicação entre ouvintes e comunicadores. Foram exemplificados e observados: a inserção do emissor e ouvinte no mesmo contexto social; a alternância dos sujeitos falantes que compõe o contexto do enunciado; os critérios de acabamento dos enunciados com a possibilidade de resposta que o comunicador dá aos ouvintes, oportunizando as atitudes responsivas ligadas ao todo do enunciado; as reações ativas de emissão e as responsivas de recepção; os movimentos de alteridade; a importância da significação das palavras.

Ao trazer para o rádio e seus interlocutores a teoria bakhtiniana, percebe-se que se abrem novas perspectivas de análise da comunicação em um meio midiático, as quais envolvem a todos na elaboração de significados no cotidiano.

Esta pesquisa surgiu quando se faz necessária a discussão sobre os contextos do diálogo na mídia da contemporaneidade, cuja interpretação das palavras é questionada a todo momento. As considerações de Bakhtin podem ser o início destas discussões já que, para ele, as possibilidades para o diálogo e para a interpretação das palavras encontram-se sempre abertas. Ao enfatizarem esta teoria Bakhtiniana, Clark e Holquist, (1998) citam parte do último artigo de Bakhtin que diz:

“Ao contrário de outros sistemas que reivindicam semelhante abrangência, o bakhtiniano nunca perde de vista as miudezas da vida cotidiana, com toda a sua inabilidade, confusão e dor (...), mas também com toda alegria que só a imediação do aqui e agora pode trazer” (BAKHTIN,1979 *apud* CLARK e HOLQUIST, 1998, p.363).

Contudo, faz-se necessário novamente ressaltar as limitações para a interpretação e, principalmente, aplicabilidade da teoria dialógica de Bakhtin nesta pesquisa diante das dificuldades e contradições na interpretação de sua obra. O material escrito por ele ainda deixa lacunas e sugere avaliações criteriosas em face da diversidade dos embasamentos filosóficos adotados nas reflexões dos trabalhos bakhtinianos. As dificuldades são ainda maiores quando verificamos que muitos escritos, atribuídos a Bakhtin, foram publicados com nomes de amigos, em razão de questões políticas e ideológicas.

A publicação das obras em diversos países com diferentes traduções também traz dúvidas na interpretação do material. Estas limitações interferiram na pesquisa na medida em que foi importante extrair da obra bakhtiniana mais exemplos a respeito da comunicação dos sujeitos no cotidiano, a fim de buscar maior aprofundamento das definições diferenciadas de linguagem, sugeridas por Bakhtin. Este maior aprofundamento poderia levar esta pesquisadora a interpretar mais detalhadamente aspectos da heteroglossia

e polissemia na comunicação entre o grupo e os comunicadores, por exemplo. A sugestão para esta pesquisa, e para outras que venham avaliar o dialogismo bakhtiniano, está aberta, principalmente porque as análises sobre a obra de Bakhtin também continuam.

A maioria dos estudiosos das obras bakhtinianas tem pelo menos um ponto em comum: a resistência à finalização, tão sugerida por Bakhtin, é o caminho para as novas reflexões sobre a linguagem e o diálogo no cotidiano. Ao cobrar mudanças na organização do pensamento, Bakhtin, o “filósofo da variedade”, estimula a atenção às diferenças, à alteridade e ao sentido da vida. É a busca para compreender, nas relações humanas, os complexos fatores que tornam possível o diálogo. Como queria Bakhtin, as possibilidades de interpretação estão abertas, sempre abertas.

6 REFERÊNCIA

AUTHIER, J. Heterogeneidades Enunciativas. In: **Cadernos de Estudo de Lingüística**. Campinas, 1990.

ADORNO, T. A Social Critique of Radio Music. In: STRAUSS, Neil (org). **Radiotext(e)**. New York: Semiotext(e), 1993.

MATTELART, A.; MATTELART, M. **História das Teorias da Comunicação**. Trad. Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

BACHELARD, G. Reverie and Radio. In: STRAUSS, N.; MANDL, S. (Orgs.). **Radiotext(e)**. New York: Semiotext(e), 1993.

BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec. 2004.

_____. **Estética da Comunicação Verbal**. 4. ed. São Paulo: Martin Fontes, 2003, Trad: Paulo Bezerra.

_____. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec. 1995.

_____. **Estetika Slovesnogo Tvortchestva**. Trad. Brasileira: Estética da Criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____. **Problemas da Poética de Dostoievski**. Rio de Janeiro: Universitária, 1981.

_____. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 5.ed. São Paulo: Hucitec, 1978. Trad: Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira.

BARBERO, M. J. Comunicación popular y los modelos transnacionales. **Revista Chasqui**, n. 8. Quito, 1983.

BARTHES, R. **O Rumor da Língua**. Lisboa: Edições 70, 1984.

BIANCO, N. R. Del, e MOREIRA, S. V. (Orgs). **Rádio no Brasil: Tendências e Perspectivas**. Brasília: EDUERJ, 1999.

BORDIEU, P. A. **Economia das trocas Lingüísticas**. São Paulo: EDUSP. (1996).

BRECHT, B. The Radio as an Apparatus of Communication. In STRAUSS, Neil (Org.). **Radiotext(e)**. New York: Semiotext(e), 1993.

CLARK, K; HOLQUIST, M. **Mikhail Bakhtin**. São Paulo: Perspectiva, 1998. Trad: J. Guinsburg.

FERREIRA, R. C. **Uma Relação Dialógica na Era da Comunicação**. 2002. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) apresentada à Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

GIOVANNINI, G. **Evolução na Comunicação - do Sílex ao Silício**. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

IBGE (2000). Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo sobre Idoso em 2000. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/previdencia/noticias/25072002.p.idoso.shtm>>. Acesso em janeiro 2006.

MCLUHAN, M. **Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem**. São Paulo: Cultrix, 1964.

MEDITSCH, E. (Org). **Rádio e Pânico: a guerra dos mundos 60 anos depois**. Florianópolis: Insular, 1998.

MEDITSCH, E. **O Rádio na Era da Informação - teoria e técnica do novo Jornalismo**. Florianópolis: Insular, 1998.

MEDITSCH, E. **O Rádio na Era da Informação**. Florianópolis: Insular, 2001.

ORLANDI, E. P. **As Formas do Silêncio**. Campinas: Unicamp, 1995.

MEZZAROBA, O; MONTEIRO, C. S. **Manual de Metodologia na Pesquisa do Direito**. 2.ed. São Paulo: Saraiva, 2004.

ORTRIWANO, G. S. **A Informação no Rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos**. São Paulo: Summus, 1985.

RODRIGUES, A. D. **O Campo dos Media**. Lisboa: Veja, 1988.

SÁ, L. **O sentido do som, in Rede imaginária - televisão e democracia**. São Paulo: Companhia das letras, 1991.

SALOMÃO, M. **Jornalismo radiofônico e Vinculação Social**. 1.ed. São Paulo: Annablume, 2003.

SILVA, J. L. de O. A. da. **Rádio - Oralidade Mediatizada**. 1.ed. São Paulo: Annablume, 1999.

SOUSA, M. W. **Sujeito: O lado oculto do receptor**. São Paulo: Brasiliense, 1995. Trad.: Silvia Cristina Dotta e Kiel Pimenta.

SOUZA, J, S. **Infância e Linguagem: Bakhtin, Vygotsky e Benjamin**. Campinas: Papirus, 1994. (Coleção Magistério e Trabalho Pedagógico.

STAM, R. **Bakhtin da teoria Literária à Cultura de Massa**. São Paulo: Ática, 1992.

VÈRON, E. **Quand Lire c'est fair: l' enunciation dans le discours de la presse écrite**. In: II IREP de Sémiotique, Paris, 1983.

7 REFERÊNCIA COMPLEMENTAR

BARBEIRO, H.; LIMA, P. R. de. **Manual de Radiojornalismo**. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

BARROS, D. L. P. de; FIORIN, J. L. (org). **Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade**. São Paulo: EDUSP, 1994.

FARACO, C. A. **Diálogos com Bakhtin**. Curitiba: EDUFPR, 1996.

MACHADO, A. **A Cidade no Dial. Florianópolis nas Ondas Médias e Curtas do Rádio (Décadas de 40 e 50)**. 1999. 145 p. Dissertação (Mestrado em História) apresentada à Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

MARTÍN-BARBERO, J. América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social. In: **Sujeito, o lado oculto do receptor**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

MEDINA, C. de A. **Entrevista, o Diálogo Possível (Série Princípios)**. São Paulo: Ática, 1989.

PARADA, M. **Rádio: 24 horas de jornalismo**. São Paulo: Panda, 2000.